

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

HIBERNON COSTA GUERREIRO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Hibernon Costa Guerreiro (HC)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Ana Paula Zaquieu (AP)

Data – 18/03/1998 e 27/03/1998

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 2h

Transcrição – Isabel Nascimento e Mello

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GUERREIRO, Hibernon Costa. *Hibernon Costa Guerreiro. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil, 1998*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 64 p.

Sumário

Fita 1 – Lado A

A infância em Rocha Miranda, origem operária dos pais e o ingresso no mercado de trabalho aos 14 anos; discordâncias com o irmão mais velho e a responsabilidade com o sustento da família. O valor do trabalho para seus pais. O uso recente de drogas. A relação dos pais com sua homossexualidade, a iniciativa atual de se “heterossexualizar” e as poucas experiências sexuais com mulheres. A iniciativa dos pais em levá-lo ao psicólogo aos 10 anos de idade. O escândalo com a descoberta de seu envolvimento sexual com um parente; o relacionamento entre seus pais e sua decisão em não discutir sua homossexualidade com eles. O trabalho operário ainda na adolescência, o ingresso na Marinha aos 18 anos e as dificuldades em viver lá sua homossexualidade; a importância do Grupo Pela Vidda no processo de assumir sua homossexualidade. Ressalta a sua capacidade de separar a sua vida sexual de seu desempenho profissional. A descoberta da contaminação pelo vírus durante um exame periódico na Marinha, em 1990; descreve todo o processo de investigação clínica até o resultado final; o desabafo com um primo na noite de Natal; o choque no momento do diagnóstico definitivo; a postura insensível do médico; o encontro emocionado com o primo no caminho para o hospital; o início do tratamento no hospital Marcílio Dias; a opção de omitir dos pais o diagnóstico. As estratégias usadas para impedir que seus pais soubessem da licença médica concedida pela Marinha. O trabalho como contador e a sociedade em um escritório.

Fita 1 – Lado B

As questões e problemas com a sócia e seus atos de má fé que, sem seu conhecimento, desviava sua parte na divisão dos rendimentos e o fim da sociedade. As maneiras encontradas para passar o tempo, diante da falta de ocupação diária para poder, assim, omitir dos pais o afastamento compulsório da Marinha. O ingresso, em setembro de 1995, no Grupo Pela Vidda. Crítica à falta de plantonistas permanentes no Grupo; a rápida integração na equipe organizadora do Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com Aids de 1995. A importância do Grupo Pela Vidda em seu processo de reintegração social; seu sentimento de vergonha e solidão; o medo da rejeição; o afastamento dos amigos da Marinha após aposentadoria compulsória. Rápidos comentários sobre os superfaturamentos nos processos de licitação na Marinha envolvendo os clientes de seu escritório de contabilidade. As consequências da falta de informações sobre a Aids; a associação Aids/morte; a desistência do tratamento médico; o efeito das informações obtidas nas reuniões do Grupo em sua vida social e afetiva; o efeito do contato com soropositivos e soronegativos que não demonstravam preconceito; o fim de seu próprio preconceito e a publicização, para os amigos, de sua opção sexual e de sua soropositividade.

Fita 2 – Lado A

A forma como a tia e a mãe tomaram conhecimento de sua soropositividade; a carta anônima enviada à sua mãe e a decisão de contar-lhe a verdade; os cuidados dos pais com a sua saúde; as motivações que o levaram a sair da casa dos pais; a reação dos pais diante de sua revelação e a iniciativa deles em buscar mais informações sobre a doença; sua decisão de contar, de maneira informal, para o restante da família e a atitude

receptiva dos familiares que já sabiam de sua contaminação; a atitude tranquila do irmão homossexual que vive nos Estados Unidos ao saber de seu diagnóstico. A profunda reorientação em sua maneira de perceber a Aids e o papel fundamental do Grupo pela Vida em seu processo de reintegração social; a gratificante sensação de poder estar dividindo e transformando junto a outros a convivência com a Aids. Sua vida sexual depois do diagnóstico. Polemiza, ao questionar o uso contínuo da camisinha como método de prevenção à Aids. Menciona seu parceiro sexual, com quem manteve relações sexuais desprotegidas por dois anos sem contaminá-lo. Relativiza as probabilidades de contaminação pelo vírus da Aids por via sexual; afirma praticar sexo oral sem preservativo. Aponta a demagogia das pessoas que defendem o uso de preservativo, mas que, quando indagadas, confessam que não praticam sexo com o uso regular do preservativo. Ressalta sua opção, consciente e sem culpas, de manter relações sexuais sem preservativo; defende a responsabilidade, quanto à prevenção, partilhada entre os parceiros.

Fita 2 – Lado B

Na discussão quanto ao aumento progressivo nos índices de contágio, ressalta a sua adoção do coito interrompido na falta de preservativos disponíveis. Questiona a ideia, divulgada pela comunidade científica, da recontaminação. Afirma abdicar de qualquer método preventivo em relações sexuais com parceiros soropositivos e duvida que soropositivos usem preservativos em relações sexuais com soropositivos. Ressalta a sua preferência pela posição ativa durante a relação sexual. O ingresso no Grupo Pela Vida; a oportunidade de se expressar e assumir sua homossexualidade e sua soropositividade. Considerações sobre a organização interna do Grupo; sua participação na diretoria oficial do Grupo decisões do Grupo. Ressalta a seriedade dos integrantes do Grupo. Comenta a respeito da nova chapa, da qual faz parte, que concorrerá à direção do Grupo. Critica os soronegativos que ingressam no Grupo com interesses carreiristas e financeiros. Menciona as tensões internas entre soronegativos e soropositivos, ressaltando sua postura contrária aos privilégios concedidos aos soronegativos. Comenta os altos salários pagos a funcionários soronegativos, comparando-os aos baixos rendimentos dos três soropositivos que recebem pelo trabalho desenvolvido no Grupo. Explica a organização orçamentária do Grupo; critica os meios e os critérios de seleção dos participantes dos projetos; a postura oportunista de alguns voluntários. Considerações sobre o processo eleitoral no qual sua chapa está inscrita; a função dos curadores; sua contundente atuação para romper com os grupos de interesse que agem no Grupo; as propostas de sua chapa; mudanças nas funções e na representação da nova diretoria eleita. Tenta definir as razões que o levam a querer transformar as relações dentro do Grupo; o descontentamento generalizado dos voluntários soropositivos. Cita um exemplo do que chama de “panelinha” existente no Grupo: a distribuição de convites doados ao Grupo entre soronegativos, sem que os soropositivos tomem conhecimento dos convites.

Data: 18/03/1998

Fita 1 – Lado A*

DN - Vamos dar início a entrevista com Hibernon Costa Guerreiro pro projeto “A FALA DOS COMPROMETIDOS ONGS E AIDS NO BRASIL”. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu. Hoje são 18 de março de 1998. Estamos no Rio de Janeiro.

Hibernon, conforme a gente tava conversando antes... é... a gente gostaria que você contasse pra gente quando que você nasceu, a data, como é que foi, onde que você nasceu, como é que era a sua família...

HC - Ó, eu nasci no dia 21 de abril, tá? De 1962...

DN - 62?

HC - É, 62!

DN - Hum.

HC - Tá? Em Jacarepaguá, aqui no Rio de Janeiro. Filho de dois operários. Minha mãe trabalhava na Companhia Tecidos Nova América e meu pai trabalhava na Li Gráficas. Ele sempre foi gráfico, tá? E... bom, eu nasci em Jacarepaguá, mas meus pais moravam, na época, em Rocha Miranda, tá? E fui criado em Rocha Miranda até os cinco anos de idade, tá? Com cinco anos de idade...

DN - E aí você tem... teve irmãos, tem irmãos? Como é...

HC - Tenho. Um irmão que é mais velho três anos que eu, tá? E... até os cinco anos eu morei em... Rocha Miranda. Quando foi em... com cinco anos, meu vas... meus pais compraram uma casa em São João... São Mateus, né?

DN - São João de Meriti?

HC - É. São João de Meriti.

DN - Hum.

HC - Onde eles moram até hoje. E eu morava com eles até dois anos atrás, tá? E com os cinco anos fui pra lá, estudei em colégio público sempre, tá? E... quando eu fiz 14 anos tive que... (*ruído*) fui trabalhar, que a mãe, com 14 anos colocou eu e meu irmão pra trabalhar, quando fizemos 14 ano. Aí fui trabalhar na Companhi... na Estamparia Real em Coelho Neto, uma fábrica de lata, onde eu permaneci lá trabalhando até os 18 anos, tá? (*ruído*) Com 18 anos eu saí, fui pro quartel, pra Marinha...

DN - E como é que era quando você era pequeno? Você se dava com seu irmão, você brigava muito?

* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

HC - É, a gente briga o normal, como qualquer irmão, até hoje de vez em quando (*rindo*) a gente...

DN - Ham.

HC - ...se encontra a gente briga, mas nada assim de... acabar com a amizade, ficar sem falar, nada. Nós sempre brigamos como qualquer criança briga e até hoje mermo, adulto, ele, atualmente, mora nos Estados Unidos, mas quando ele vem aqui, de vez em quando a gente tem aquelas discussão, não briga assim de...

DN - Hum. Briga de irmão.

HC - Quando era pequeno era de tapa, né? (*risos*) Mas hoje em dia não. É mais de, que eu não concordo muito com o pensamento dele em algumas coisa, então sempre a gente discute quando ele vem aqui. Que ele não é muito ligado à família, né? Ele vive a vida dele nos Estados Unidos, não quer saber do pai, da mãe, nem do filho que ele tem aqui. E eu sou mais ligado, eu cuido do pai, da mãe, dou todo suporte pra eles, sempre cuidei do filho dele também...

AP - Que mora com seus pais?

HC - É, não. Atualmente, agora ele tá morando em Porto Alegre. Que meu sobrinho morava com a gente, mas aí a última vez que ele teve aqui, ele foi prometer mandar dinheiro aí a mãe pegou a criança, entendeu? Aí o garoto tá lá em Porto Alegre agora e ele não manda dinheiro. O que é pior. (*risos*) Então, a gente daqui tem que mandar o dinheiro pra lá. Quando ele manda algum a gente... repassa, mas quando ele não manda, a gente tem que ter. E eu então sempre fui mais esse lado família, cuidar do pai e da mãe, do filho dele mesmo e eu não concordo com esse jeito dele... de ter feito um filho e nunca ter ligado pro pai, da mãe. Até quando o pai passou sufoco, quando eu era novo, quando é... eu era novo não, há uns tempos atrás quando a firma onde o pai trabalhava...

DN - Do seu pai?

HC - É.

DN: Hum.

HC - A firma onde o meu pai trabalhava faliu e não recebeu nada e pela idade, sabe que nesse país é difícil uma pessoa com mais de 40 anos arruma, arruma um emprego, né? Então ficou um bom tempo desempregado e eu que tinha que... cuidar do pai, pagar o INPS dele, botar as coisa dentro de casa. E meu irmão mermo morando... na época ele morava ainda no Brasil, morava em Porto Alegre e nunca quis ajudar em pagar um carnê de INPS. Então eu tenho essas rixasinha, mas nada que acabe com a nossa amizade, entendeu?

DN - Hum, hum.

HC - Atualmente mesmo, o garoto tá morando em Porto Alegre, o filho dele, por que? Que ele teve aqui ano retrasado, não, ano passado, e falou que ia mandar 300 dólares

pra ajudar... pra criar, ajudar, comprar coisa pro garoto, colégio, essas coisa. Aí a mãe, aí falou com a mãe do garoto, que é minha prima também. Aí ela com olho nos 300 dólares, levou o garoto e agora ele só manda 150 e quando manda, né? (*risos*)

DN - Hum.

HC - Então a gente aqui é tem que ficar comple... eu que tem que ficar completando. Porque meu pai é aposentado e ganha 125 reais por mês, minha mãe também é aposentada ganha acho que uns 180, por aí. Então fica difícil eles cuidarem de uma casa. Eu que faço a compra do pai, pago água, luz, telefone, eu que dou todo suporte. Quando eles querem viajar, igual vão viajar agora, semana que vem, eu que dou passagem, essas coisas, tudinho. E o meu irmão não é ligado nisso. Ele quer viver a vida dele.

DN - E aí quando, quando... quando vocês eram pequenos vocês tinham que ajudar muito em casa também?

HC - Não, quando eu comecei a trabalhar o... nós começamos a trabalhar, não pela necessidade de dentro de casa, mas minha mãe achava que se chega numa certa idade que cê já podia trabalhar, vai trabalhar que é melhor do que ficar em casa fazendo bobagem, então...

AP - Mas você continuou estudando?

HC - Continuei estudando. Então eu ia trabalhar mais pra mim ter dinheiro pra mim, não pra dar dinheiro em casa porque eu nunca dei. Comecei a dar depois quando eu já tava... na Marinha e que eu vi a necessidade deles dois que um se aposentou, o outro ficou desempregado, então eu tive que dar o suporte, acabar de construir a casa, que quem acabou de construir foi eu, entendeu? Mas a gente não foi trabalhar por necessidade. O pai, quando eu era pequeno, ele sempre, não tínhamos uma vida assim maravilhosa, mas tinha... a nossa televisão, tinha o nosso som, tinha, a gente viajava quando o pai ia pra casa dos pais dele, aqui em cima na Bahia. Então... tinha os nossos brinquedos, nunca faltou nada pra gente, entendeu? Nós fomos trabalhar mais pra poder não ficar em casa porque a rua onde também eu morava tinha assim, boca-de-fumo, essas coisa e minha mãe tinha medo da gente ficar em casa... e acabar entrando pro mundo das droga, né? Então resolveu: "Cês têm que trabalhar." Pelo menos tava com a cabeça ocupada e eu saía do trabalho e estudava. Então, passava o dia inteiro na rua, quando chegava já era de noite, não tinha tempo de me envolver com o pessoal da rua...

DN - E nunca se envolveu?

HC - Não, nunca me envolvi.

DN - (*pigarro*) Seu pai era baiano?

HC - Meu pai é baiano e minha mãe também.

DN - É baiano.

HC - Minha mãe é de Ilhéus e meu pai de Maragujipe.

DN- Hum.

HC - Quer dizer, nunca me envolvi com drogas não, (*rindo*) me envolvi com drogas agora. Tem uns quatro meses que eu tô...

DN - Quatro meses?

HC - É. Depois que eu entrei pro Grupo conheci (*rindo*) muita gente que usa baseado e acabei usando também (*risos*). Mas nada...

DN - Depois de grande? (*risos*)

HC - É. Mas nada assim pra... o medo dela é que eu fosse me marginalizar se eu usasse a droga.

DN - Sim, claro.

HC - E hoje em dia não, eu uso mais por relaxar quando eu tô em casa. As vezes eu tô tenso mermo por causa do pobrema da AIDS, então eu chego em casa, acendo um baseado, a maioria das, dos amigos lá do Grupo usam também. Então a gente se reúne em casa, fuma um baseado (*rindo*), nada demais, nada de...

DN - Usa socialmente?

HC - É. Nada que dê pra... assim, entrar pra marginalização, né?

DN - Hum, hum.

HC - E a mãe nem sabe, porque se ela souber, ela vai ficar é louca, né? (*gargalhadas*) Mas eu entrei mais por causa disso.

DN - Hum.

HC - Que tanto é que eu demorei, eu tinha muita relutância pro mundo da droga, né? Tanto é que eu tô no Grupo tem dois e meio e tem uns quatro meses que eu tô usando droga, que eu sempre via o pessoal usando mas tinha uma barreira muito forte entre eu e a droga e eu tenho uma formação também muito militar que eu trabalhei dez anos na Marinha, né? Então sempre relutei muito, mas chegou um dia que eu tive que relaxar e (*rindo*) vambora que...

DN - Hum.

HC - Nada assim que comprometa tanto, não.

DN - Tá, então...

HC - E não é todo dia também que eu uso, só uma vez, uma vez por semana, duas. É mais no final de semana.

DN - E só fuma?

HC - É, só fumo.

DN - E cigarro, você fuma ou você cigarro, você não...

HC - Fumo, cigarro eu fumo.

DN - Hum, hum.

HC - Tô fumando assim uma média de um maço por dia, tá?

DN - E você fuma desde quando, cigarro?

HC - Ó, eu comecei a fumar antes dos 14 anos. Eu devia ter uns 12 doze anos e meu pai, a minha mãe descobriu no bolso da... do colégio, né? Que ela via fumo de cigarro porque eu não comprava maço, que eu roubava cigarro do pai, né? Ele chegava, deixava o maço em cima da mesa da sala, eu ia lá, pegava. E quando a mãe descobriu, me chamou, falou com meu pai e meu pai falou que ele não ia proibir a gente de fumar, que meu irmão também já tava fumando na época. Mas que era pra gente nunca comprar cigarro... a varejo, nem pedir a ninguém. Quando quisesse cigarro, pegar em cima da mesa que ele sempre deixava em cima da... mesa da sala o cigarro, tá? E que não era pra mim fumar na frente dele nem de tio, tia, enquanto eu não tivesse trabalhando. Mas depois que eu criasse... começasse a trabalhar, que eu poderia fumar. Porque se alguém fosse falar com ele, ia ter a resposta de que eu poderia sustentar o meu vício. Tanto é que quando eu comecei a trabalhar com 14 anos, primeira coisa que eu fiz foi fumar (*rindo*) na frente da família inteira e o irmão do meu pai, chamou o meu pai pra reclamar. Aí meu pai falou pra ele que eu já trabalhava então eu poderia sustentar meu vício e que não ia interferir no... deu tar fumando meu cigarro não.

DN - E você vê seu pai como uma pessoa liberal? Porque isso é difícil, né? O pai deixar filho fumar assim, né?

HC - É, o... ó, com relação a... tanto meu pai, minha mãe eu acho que Deus foi assim, ótimo comigo. Não posso reclamar nada deles, tá? Tanto com relação a cigarro, tanto com relação à homossexualidade, tá? Eles nunca interferiram. A homossexualidade, a gente só não conversa.

DN - Hum.

HC - Mas eu sei que eles sabem que eu sou *gay*. Uma vez a mãe ainda tentou conversar, mas eu resolvi cortar o assunto porque... pai e mãe nenhum cria filho pra ser *gay*. Eu sei que isso magoa eles, uma coisa é eles saberem que eu sou *gay* outra coisa é eles ouvirem isso da minha boca. Então eu acho que fica muito... pesado.

DN - Você acha que seria difícil pra eles?

HC - É.

DN - É?!

HC - Eu acho que é. Apesar de ter certeza que eles sabem, tá?

DN - Hum.

HC - Mas eu prefiro não conversar. Porque pra eles é uma coisa chata.

DN - Por que que você tem certeza que eles sabem?

HC: Porque u... é difícil a... quer dizer, raro, quase que impossível eu aparecer com uma mulher dentro de casa. Eu vou mais é com amigos, apresento: “Esse aqui é meu amigo.” Entendeu? E às vezes quando o pai... toma um porrezinho, ele brinca e solta: “Ó, eu sei que vocês não gostam muito de mulher, que não sei o que...”

DN - Hum.

HC - Ele comenta, mas... não fala.

DN - Mas, quando ele comenta... mesmo... tendo bebido, ele comenta afetivamente?

HC - Não, mas ele não comenta... É, não... é...

DN - Brincando mesmo?

HC - Não vindo na agressão, tá?

DN - Hum.

HC - Tanto é que uma, eu como eu tenho o mesmo nome que meu pai...

DN - Hum.

HC - Então meus amigos ligavam pra lá e o pessoal dizia: “Quero falar com o Hibernon.” E ele dizia que era o Hibernon. Ele não estava mentindo, né? É o nome dele.

DN - Hum.

HC - E começava a conversar com meus amigos até que um dia eu cheguei pra ele e falei: “Ó, pai meus amigos ligarem pra cá, quiserem falar com o Hibernon, o senhor tem que perguntar se é o pai ou é o filho com quem eles querem falar.” “Por que?” “Porque senão o senhor vai ouvir fala... ouvir coisas que o senhor não quer.” Aí ele respondeu o seguinte: “Que se meus amigos tratassem ele mal, que ele ia tratar ele a altura, meus amigos a altura.” Aí eu falei: “Não, pai, meus amigos são educados o suficiente pra tratar o senhor muito bem no telefone. Só que eles vão conversar com o senhor pensando que sou eu, então vão falar coisas que o senhor sabe, mas não quer admitir e isso vai magoar o senhor. Então é melhor quando ligarem pra cá, o senhor pergunta: “É o pai ou o filho?” Se for pra mim, o senhor passa o telefone e pronto.” Entendeu? Mas eles nunca se intrometeram na minha sexualidade. Só que quando eu era pequeno sim, que eu digo, é, eu devia ter uns dez anos, eles até levaram pra psicólogo, entendeu? Que eles já repararam alguma coisa, mas viram que não tinha jeito, “deixaram o barco

correr” normalmente.

DN - Conta pra gente isso, Hibernon. E pra você, foi difícil?

HC - Ó, pra mim, até hoje é difícil ser (rindo) *gay*...

DN - Hum.

HC - ...por incrível que pareça, já tá com 36 anos. É um mundo assim, muito misturado mesmo, muito difícil tu ter afeto de alguém. Os relacionamentos que eu tive até hoje, a maioria foi por interesse financeiro da outra parte, tá? E... eu não sei eu acho que eu não transo com mulher, tô até tentando agora... tentar me heterossexualizar, que eu até brinco no Grupo. É... como se diz? Ai, Deus, agora perdi o fio da meada. Ta até, tava té me hetero... Porque eu sempre tive medo do... fracasso de ir pra cama com uma mulher e não tran... e não, e broxar.

DN - Hum.

HC - E quando eu era pequeno, eu sempre transava com os menininhos da rua, ficou mais fácil saber que com os garotos eu tinha ereção e com as mulés eu sempre tive esse medo... de transar com mulher. Apesar que transei um, três vezes, mas por incrível que pareça, as vezes que eu transei com mulher foi em lugares assim de risco.

DN - E você broxou, não?

HC - Não.

DN - Hum.

HC - Mas a situação era situação de perigo, incrível que pareça.

DN - Hum.

HC - Uma foi minha prima. A família inteira não queria, era na Bahia. Então transei com ela, era um desafio pra família (*risos*).

DN - Um de o que?

HC - Um desafio, pra...

DN - Ah, sim.

HC - Eu tava desafiando a família, que a família não queria que eu me relacionasse com a minha prima.

DN - Hum.

HC - A outra era namorada de um namorado meu (*risos*), tá?

DN - Hum. Esse é alto risco, né?

HC - É (*gargalhadas*).

DN - Se o namorado, se o amigo seu soubesse.

HC - (*risos*) E a outra que eu transei foi... uma garota que eu trabalhava com ela no Centro de Eletrônica da Marinha e... nós saímos à noite e pra dormir, ela queria ir pro hotel, eu falei: “Ó, eu não vou pro hotel contigo, que eu tô sem grana.” Aí levei pra casa da minha tia que era uma casa de quarto, sala e cozinha, sem portas entre os cômodos, só tinha porta de entrada que dava na sala e a cozinha era, a sala era no meio, o quarto aqui e a cozinha aqui. E as porta era com cortina. Então minha tia dormia no quarto (*rindo*) e eu transava com ela na sala. E se minha tia visse, ia ser uma zona do cão, né? (*risos*).

DN - Hum.

HC - Então precisava ter uma coisa assim de... num sei, que incrementasse, desse um pouco de perigo pra situação pra poder eu conseguir alguma coisa. Eu nunca consegui assim, ir direto com uma mulher pra cama, sem... uma coisa tranquila, entendeu? Igual eu vou com homem. Mas eu tô me preparando pra isso, acho que eu vou conseguir (*risos*). É incrível!

DN - Olha, tem gente que depois de bem adulto descobre a sua homossexualidade (*risos*).

HC - É, eu tô descobrindo a minha heterossexualidade.

DN - Você tá tentando... você tá tentando o caminho inverso, né?

HC - É.

DN - Mas o, o Hibernon é... você assim, você falou: “Ah, não, é ser *gay* é difícil.” E aos dez anos, é, seus pais tentaram, mas por que, assim aos dez anos não é, não é idade ainda de menino ter namorada, né? Então não é, não seria por aí que...

HC - Não, é porque uma vez ele...Não, é que eles me pegaram uma vez, é, meu tio...

DN - Hum.

HC - A gente ia vindo da praia, aí meu tio tava dormindo, eu tava mexendo com meu tio, aí meu tio acordou, aí falou com eles. Eles levaram pro psicólogo, na época...

DN - Hum.

HC - ...entendeu? Pra ver que que tinha de errado que eu tava mexendo com meu tio com dez anos (*gargalhadas*).

DN - Seu tio mais velho que você?

HC - É, irmão do meu pai, era mais ve... é até mais velho que meu pai. Que é meu

padrinho também.

DN - Hum.

HC - Entendeu? Aí meu tio conversou com ele, aí eles me levaram pro psicólogo, tudinho. Mas aí não resolveu nada, não. Deu certo não. (*gargalhadas*)

DN - Você foi... você a mais de um psicólogo ou não? Aquelas histórias interessantes...

HC - Não, não, só fui nesse mesmo. Fui nesse.

DN - Foi num psicólogo.

HC - É. É. Umas sessões, não me lembro quantas sessões foram, mas depois parou.

DN - Eles desistiram...

AP - Mas seus pais não conversaram com você?

HC - Não, não. Nunca conversaram.

AP - Entregaram pro psicólogo resolver.

HC - Não. É, entregaram pro psicólogo. Só mais tarde quando eu já tava o que? Com uns... uns vin... tava com uns vinte e poucos anos é que eu transei com... o meu padrinho de Crisma. Não esse padrinho que eu tava mexendo com dez anos, de Crisma.

AP - Que é de batismo, né?

HC - E... a mulher dele descobriu assim, jogando um verde em cima do marido dela, com negócio de macumba, né? Um santo desceu lá e... ela desconfiava e... falou e o idiota confirmou, né? (*risos*) Aí foi um rebú do canudo, mas meu pai num, aí fo... chegou no ouvido da minha mãe e tudo que acontece lá em casa, assim... a mãe que toma frente, entendeu? O pai sempre fica, que o pai não é muito de conversar, a mãe chega mais e conversa. O pai sabe tudo que acontece mas nunca... é de abrir a boca. Até hoje ele é assim. Não sei se... pelo fato da... a mãe é uma pessoa mais ativa, sempre trabalhou...

DN - A sua mãe é mais decidida?

HC - É, tá? E atualmente, também porque a mãe, além dele ganhar pouco, ela, ela, eles ganharem pouco (*rindo*), ela consegue ganhar um pouquinho a mais do que ele, né? (*risos*) Então tem isso.

DN - Hum.

AP - Faz essa diferença, né?

HC - É, faz. Apesar de ser uma diferença de 60 reais, mas faz uma diferença.

DN - O poder econômico (*gargalhadas*). É um grande poder, né?

HC - É, um grande poder, entendeu?

Aí, minha mãe me chamou na época e perguntou se eu era *gay*, aí eu falei que não, neguei, apesar dela saber, né? Aí como eu neguei, ficou por isso mesmo, ela deixou eu viver minha vida.

DN - Você simplesmente disse que não, que não era?

HC - É, eu falei que não. Que era tudo mentira...

DN - Ou contou alguma história?

HC - Não, não. Só falei que era tudo mentira aquilo e pronto. Nem me deu o trabalho de enrolar, só morre... encerrei o assunto. Não e acabou.

DN - Hum.

HC - E uma vez, quando eu terminei um relacionamento, tá? (*ruído*)

DN - Hum.

HC - Uma vez quando eu terminei um relacionamento... foi até o do... quando eu descobri que tinha HIV. E que... ela chegou pra mim e perguntou como é que... se eu estava legal. Tinha levantado de manhã pra ir trabalhar, aí tava sentado na mesa tomando café, ela viu que eu não tava legal de cabeça, que eu tinha terminado o relacionamento, que mãe percebe quando a gente tá bem, quando não tá. Aí ela perguntou: “Cê tá com algum problema com o Valdemir?” Aí eu falei aqui assim: “Não, mãe. Deixa que meus problemas lá fora eu resolvo lá fora.” E encerro o assunto. Eu nunca quis conversar com eles sobre isso, entendeu? Apesar da mãe já ter puxado o assunto.

DN - Hum, hum.

HC - Mas eu sempre achei que é melhor deixar cada um no seu canto que é bem mais fácil pra gente levar a vida.

DN - Hum, hum. Aí, bom, aí aos 14 anos você foi trabalhar...

HC - Fui trabalhar em, na...

DN - Você trabalhou em que, Hibernon?

HC - Na... uma fábrica de lata que tem aqui em Coelho Neto, Estamparia Real. Fui trabalhar como... operário mesmo, calibrava as folhas de frande [*sic*], que faz as latas de azeite, de cera, que aquilo tem uma espessura. Com uns... um ano que eu tava lá, passei a ser auxiliar de almoxarife, eu mandava já no pessoal que calibrava as folha, né? Que era a minha função, passei a su... supervisionar o pessoal, e distribuía o material pra fábrica inteira, as folhas já... pintadas que... iam pra corte, pra poder montar a lata, essas coisas. Aí trabalhei lá até os 18 anos, quando eu saí, fui pra Marinha, tá? Aí fui pra

Marinha, com 18 anos. Aí quando eu engajei que eu fui servir o quartel como recruta, aí fui na fábrica pedir as conta e segui minha vida na Marinha normalmente. Entrei pra facul...

DN: E como, como é que é essa vida na Marinha, sendo homossexual?

HC - Ó, é difícil que eu sempre me fechei, eu num sô... um *gay* assim aberto. N..., na, no PELA VIDDA é uma coisa diferente que é um lugar onde eu posso me assumir como *gay* e num já cheguei me assumindo. Eu analisei bastante que que tava acontecendo ali pra poder botar pra fora quem eu era. Cheguei ali no PELA VIDDA, demorei uns três meses, quatro, pra poder abrir a boca.

DN - Hum.

HC - Eu chegava lá ficava lá calado, só analisando. E na maioria eu sempre me fechei, minha vida hom... sexual não tinha nada a ver com a Marinha. Chegava lá eu era o so... soldado Hibernon, marinheiro Hibernon, cabo Hibernon e o sargento Hibernon. Fazia meu trabalho, cabô, *tchau*, vivia a minha vida por fora. Uma vez numa boate eu encontrei um colega do quartel, que era aqueles *gays escrachados*, né? Todo mundo sabia. Aí eu pensei até que ele ia me botar na praça lá dentro, que é o que a gente chama...

DN - Hum.

HC - Botar na praça, né? Mas, ele veio, conversou comigo e me respeitou. Ele pode até ter comentado, mas nunca houve piada em cima, entendeu? Que eu sempre me mantive... soube separar as coisas. Lá eu era um profissional, então minha vida sexual não interessava a ninguém.

DN - E você, é... assim, como eu diria? Internamente sabe separar bem os...

HC - Sei, sei. Hoje em dia... mesmo nos escritórios onde eu trabalho minha vida sexual não interessa a ninguém. Eu vou lá, faço o meu trabalho e pronto. Tava até com dificuldade num, nos...

DN - Quer dizer, você, você por exemplo tendo uma preferência sexual por homem, estando num mundo de homens, né?

HC - É.

DN - Que assim, na Marinha supõe-se que a maioria dos...

HC - É.

DN - Né? Dos militares sejam homens, né?

HC - É.

DN - Você estando num mundo de homens, é, é... não... não, não atrapalha o seu desempenho no trabalho?

HC - Não, não. Sei separar mermo. Quando eu quero sexo, eu sei onde eu vou. Trabalhar eu vou proutro canto.

DN - Hum, hum.

HC - Não vou negar que eu nunca transei dentro da Marinha, transei. Cheguei a transar. Em dez anos devo ter transado umas dez vezes. Mas era com pessoas assim muito íntimo, muito amigos mermo que chegavam mais próximo que aí já me conheciam mais, sabia que eu era e também nem por causa disso acabava o...

DN - Interferia no trabalho...

HC - Interferia no trabalho não. Era só uma transada e cabô.

DN - Hum, hum.

HC - Tava em alto mar, conheço um amigo, até em terra mermo cheguei a transar. Mas era aquela transa, cabô e pronto, tá? Mas não deixava... uma coisa nunca deixei interferir na outra não, que eu não gosto.

DN - Hum, hum.

HC - Primeiro que eu não gosto de ser taxado por... de *gay*, né? Na linguagem lá fora é viado. Não gosto disso, acho muito pesado. Então prefiro separar as coisa no local onde eu tô trabalhando é mais pra trabalho e pronto. Transei, mas nunca deixei... que isso, por causa disso, alguém viesse querer se meter na minha vida, não. Que eu sempre tive uma postura que...

DN - Profissional...

HC - Profissional que não deixava... ninguém se meter com isso.

DN - E aí você saiu da Marinha por que?

HC - Por causa do HIV. Em 90 e... 90 eu fiz o exame, setembro de 90, peguei o... quando foi em outu...

DN - E por que você fez o exame, Hibernon?

HC - Porque é o... na Marinha é obrigado a fazer o exame, tá?

DN - Eles fazem todo ano?

HC - Até... acho que até os 30 anos é de três em três anos, depois dos 40... entre 30 e 40 é... de dois em dois e acima de 40 anos é de um em um ano. Todo ano tem que fazer. Porque nós temos o exame periódicos da gente.

DN - Sim.

HC - Então, eles incluem o HIV nesses exame.

DN - Hiber, e quando que eles incluíram o HIV? No exame de rotina...

HC - 90 (*risos*).

DN - Em 90?

HC - No ano que eu fiz (*risos*). Foi incrível!

DN - Ham.

HC - Primeiro exame tava lá taxado(*risos*). Foi horrível. Que eu fiz o exame em setembro, aí quando foi em...

DN - Quer dizer, você nem imaginava que pudesse tá soropositivo?

HC - Não, não imaginava. Em setembro não. Mas eu sou uma pessoa que eu sempre me preparei pro pior, entendeu? Porque se vier o melhor é fácil de você administrar. E se vier o pior, eu já estava preparado internamente pra receber uma notícia ruim. Eu sempre fui assim na minha vida. Não só por causa da AIDS, tudo eu sempre espero o pior de qualquer coisa. Que se vim o bom é fácil, se vier o ruim, eu tô preparado pra isso. Então quando eles mandaram a... fazer o exame, eu imaginei 50% é pra tá HIV, 50% não. Sabia da minha vida sexual, onde eu andava, tudinho.

DN - Porque aí você também transava sem presersa... sem preservativo?

HC - É, sempre transei sem preservativo.

DN - Hum.

HC - E fui fazer o exame. Quando fo, em setembro, quando foi em outubro, eles me chamaram, o médico me chamou, falou que tinha sumido o meu exame de HIV. Os outros todos estavam lá (*risos*), menos o do HIV. Aí eu achei estranho, pô. Se tivesse que perder, perderiam todos, não só o HIV. Aí fui repetir o exame. Aí, entrei de férias em dezembro, ainda não tinha vindo o resultado, aí quando eu tô de férias ligam pra minha casa pra mim ir no quartel urgente. Aí eu pensei: “Não, eu não vou não que eu já se... tô sabendo mais ou menos que que é. Aí no dia 24, 25 de dezembro, comemorando o Natal lá em casa, depois que a família inteira foi dormir, eu chamei meu primo e... expriqueei pra ele que que tava acontecendo. Apesar de ainda não ter a notícia...

DN - Isso sem ter ido ainda conferir?

HC - É. É.

DN - Hum.

HC - Aí depois que a família inteira foi dormir, eu cheguei na varanda lá, dos fundos, aí eu botei uma cadeira de um lado, tinha até o muro da varanda, meu primo sentou do outro lado, eu abri uma garrafa de Campari, aí tomei um porre e fui contando tudo pro

meu primo, como seria se fosse positivo não. Sei que ficamos até de manhã conversando.

Aí passou o Natal, o dia 25, que a gente sempre faz churrasco lá em casa, com a família inteira reunida, passou o Ano Novo, aí eu comecei a trabalhar no dia dois de janeiro. Cheguei no quartel no dia dois, eu tava ainda na formatura de manhã que no quartel a gente sempre se reúne de manhã cedo, né? E quando eu tô na formatura, já tá o médico (*risos*) do lado de fora da formatura fazendo sinal que era pra mim passar na enfermaria. Aí ali me confirmou que... Aí eu saí da formatura, fui direto pra enfermaria, aí entrei na... no consultório. Ele chegou pra mim e perguntou se eu tinha feito alguma (*risos*) transfusão de sangue, aí eu falei que não. Aí perguntou se eu usava drogas injetáveis (*risos*), aí eu cheguei: “Não.” Aí ele perguntou (*risos*): “Você é homossexual?” Aí falei: “Sô, né?” Foi a primeira vez que eu falei que era *gay* assim pruma pessoa. (*risos*) Mas como eu sabia que tinha a ver com o HIV, eu resolvi ser honesto, não ia mentir. Aí ele falou: “É, que seu exame de HIV deu positivo.” Aí, por mais que eu tivesse aquela certeza, o teu mundo abre, né?

DN - E o que... só, só... o que que você sabia da, de... do HIV ou da AIDS até então, Hibernon?

HC - Garota, eu não sabia nada. Foi horrível esse dia! Meu mundo abriu... Assim, por mais que tivesse preparado sabendo já o que ia acontecer, mas quando o cara diz mesmo, tu fica perdido. E o idiota, que pra mim aquele cara foi o maior idiota que eu conheci na minha vida...

DN - O médico que... que falou pra você?

HC - É.

DN - Hum.

HC - Ele chegou pra mim, que ele era QC e então... o QC na Marinha são oficiais que ficam três anos. No final de três anos eles vão embora ou ficam, definitivamente, na Marinha. E ele tava compretando os três anos, tava indo embora. Então ele chegou pra mim e falou o seguinte: “Você... mas não liga não. Você vai embora ganhando dinheiro, que eu tô indo embora sem ganhar nada.” Foi horrível ouvir isso, mas...

DN - Hum.

HC - Aí falou que meu chefe já sabia. Eu saí, fui no meu chefe, meu chefe não sabia, quem sabia era o outro chefe. Aí esse já ficou sabendo logo. Aí eu peguei uma licença pra ir no Marcílio Dias, que tinha que ir no hospital fazer os outros exames tudinho. Aí quando eu ta... ta... trabalhava aqui na Ilha do Governador, na Estação Rádio, peguei o ônibus, 324, aí quando tava pas... tinha que saltar na Presidente Vargas pra poder pegar um ônibus pra o Lins de Vasconcelos, que o hospital da gente é lá. Aí quando eu olho no ônibus do lado, tá meu primo indo pa praia, esse que eu conversei.

DN - Esse que você... conversou até tarde?

HC - É.

DN - Hum.

HC - Aí quando eu olhei no ônibus... Aí eu dei um grito do meu ônibus, pedi pra ele descer no ponto seguinte. Ele desceu, eu também desci...

DN - Que sorte, né? Ter encontrado o seu primo assim.

HC - É, se Deus existe, têm (*risos*) horas que a gente tem que acreditar que Deus existe.

DN - É.

HC - Entendeu? Aí nesse trajeto da Ilha até o Centro eu ficava imaginando por que acontecer isso comigo. Que eu tinha uma carreira promissora, que eu tava, tinha acabado uma faculdade e tava fazendo pós-graduação. Então acho, tinha tudo pra dar certo na vida e vem essa porrada. Mas aí eu olho sempre pro outro lado. Aí eu comecei a lembrar: “Pô, tem gente bem melhores que tavam... iam ganhar muito mais dinheiro que eu.” Que era o caso do Cazuzza, na época. Eu também tava afetado, então eu tinha que me conformar. Se aquilo era pra mim passar, tinha que segurar a peteca. Aí encontrei com meu primo, conversei, falei com ele, ele começou a chorar. Aí eu falei: “Ó, pára de chorar, que pra chorar basta eu. Amigo é aquele que eu não deixa a gente chorar. Pra chorar junto eu não quero ninguém não.” E... aí ele parou de chorar, aí eu tinha que ir no hospital, aí falei: “Ó, agora cê vai pra tua praia, já tá sabendo a novidade, que eu vô pro hospital resolver o que tem que resolver lá.”

Aí cheguei no hospital, é o outro médico, que é o Hélio Costa que é o meu médico até hoje, com um questionário enorme querendo saber tudo da minha vida. Aí, de novo, perguntou se eu era *gay*, eu falei que era. Perguntou se... não. Perguntou se eu transava com mulher, aí eu falei: “Transo.” Afinal, eu já tinha transado três vezes (*risos*) então quer dizer que eu transo, né? (*risos*) Não menti, né? Aí perguntou se eu transava com homem, eu falei que transava. Aí ele perguntou se eu era ativo ou passivo na relação, eu falei pra ele que em quatro paredes vale tudo, nesse respeito, já comum acordo. Aí ele colocou lá na minha ficha “Ativo/Passivo” e na minha ficha, no meu prontuário, até hoje, vem dizendo a minha opção sexual. Cê abre minha ficha assim, vem dizendo que vo... que eu sou *gay*. Incrível! Aí passei... aí ele mandou fazer uma bateria de exame, nunca tinha feito tanto exame na minha vida. Aí tinha que fazer o *WESTERN BLOT*, que ainda não tinha feito. Eles tinham dado o resultado só em cima dos dois *ELISA*. Daí depois de uns 15 dias deve ter vindo o *WESTERN BLOT*, fui lá e ficou confirmado mesmo que eu tinha HIV. Aí ele me mandô pra perícia, na perícia eu ganhei seis meses de licença, aí depois no final de seis meses tive que ir lá pra fazer...

DN - Sem você estar sentindo nada?

HC - É, eu nunca tive infecção nenhuma.

DN - Só o fato de você tá (*pigarro*) soropositivo?

HC - Soropositivo, tá? Aí na perícia me deram os seis meses, no final de seis meses eu fui lá, ele mandou eu fazer outro exame de CD-4. Aí mandava abri a boca, eu abria, ele não via nada. Ia pra perícia, ganhei mais seis meses. Aí depois... depois de seis meses tinha que ir lá de novo. Aí dessa vez nem a boca mais ele mandou eu abrir, (*risos*) só mandava eu fazer o CD-4, aí ganhava mais seis meses. E na quarta perícia (*ruído na fita*), eu me aposentei na Marinha.

AP - E a sua família, como é que ficou... nesse período?

HC - A família (*risos*)... minha mãe, na época ela tava viajando quando eu soube do HIV, tá? Aí eu tive tempo de conversar com meu primo pra poder ver que a gente ia falar. Então nós acertamos que... não. Ela não tava viajando, no início eles ainda tavam aqui. Mas eles viajaram logo no início e como eu ainda tava indo no quartel...

DN - Todo ano eles iam pra Bahia?

HC - É. Mas como no início eu ainda fiquei indo no quartel até o desembarcar do dia dois de janeiro pra ir pro Marcílio Dias ficar de licença, demorou um mês. E nesse período eles viajaram, então não tinha como, não precisava dizer que eu ia trabalhar todo dia, tá? Que eu só comecei entrar de licença em março, tá? Então foi quando eu sentei com meu primo, a gente tinha que arrumar um esquema pra poder quando eles chegassem não me ver em casa, né? Aí eu resolvi dizer pra eles que tava trabalhando no CENIMAR, que é o Centro de Investigação da Marinha, fazendo investigações e que eu não ia precisar mais usar farda.

DN - Pegou pesado, hein, Hibernon?

HC - É.

DN- Trabalhar no CENIMAR. (*risos*)

HC - Sério, foi a única coisa que veio na cabeça. Aí eles aceitaram numa boa, todo dia saía de manhã pra trabalhar, sem ter pra onde ir. Até que no início eu ia pra casa do meu namorado, né? Mas... logo depois a gente terminou porque ele não segurou a barra... da AIDS, né? E ele não é soropositivo. Graças à Deus! Que nós tínhamos dois anos de relacionamento, tá? Aí quando eu...

DN - Vocês já estavam se relacionando há dois anos...

HC - É, dois anos.

DN - E ele não é soropositivo.

HC - E ele não é soropositivo. Ele pode tá até hoje, mas aí não é culpa minha mais (*risos*).

DN - Hum, hum.

HC - Pelo menos isso eu não carrego (*risos*). Aí foi quando a gente terminou, aí eu não podia mais ir pra casa dele ficar lá, me esconde, né? Que eu saía de manhã, me escondia na casa dele. Aí até me arrumei um escritó... eu liguei pruma amiga minha da faculdade, Rosângela...

AP - Cê fez faculdade de que, Hibernon?

HC - Eu sou contador. Fiz Ciências Contábeis pela Universidade Gama Filho. Aí...

quando eu liguei pra Rosângela, falei que tava com tempo vago, que eu ia pagar meus plantões da Marinha, que queria me dedicar a contabilidade e queria saber se ela poderia me ajudar ou ir trabalhar comigo. Aí ela conversando com a... patroa dela, a patroa dela falou que não dava pra mim abrir um escritório porque eu só sabia teoria, não tinha prática de contabilidade. Então a... só a patroa dela me chamou pra... ir fazer estágio lá. Então eu trabalhei...

DN: Ela trabalhava num escritório de contabilidade?

HC: É, de contabilidade. Então eu trabalhei nesse escritório três meses de graça, que era interesse meu, tinha que ter um lugar pra me esconder, né? Então eu trabalhei lá de graça durante três meses, de três meses até completar um ano eu ganhava um salário mínimo que ela me dava pra mim trabalhar. E no final de um ano ela brigou com a sócia dela, aí me chamou pra ser sócio dela. Então eu passei a ser sócio.

DN - A sua amiga ou a patroa dela?

HC - Não, a patroa dela.

DN - A patroa dela. Hum.

HC - Me chamou pra ser sócio dela. E eu passei a trabalhar no escritório como sócio, depois de um ano. Aí eu tinha um salário fixo, tá? E ganhava porcentagem de alguns outros trabalhos, assim, imposto de renda, rai, isso tinha uma porcentagem. E tinha um salário fixo que a gente dividiu o que entrava no escritório, uma parte era dela, outra minha. Que a gente sabia a quantidade de clientes, então a gente sabia quanto era o fixo da gente. E tava...

Fita 1 – Lado B

HC - Aí foi quando ela começou a me roubar, a parte que ela tinha que me dar das porcentagem...

DN - Quer dizer, desses quatro anos, dois você estava de licença na Marinha?

HC - É, e dois eu já estava aposentado.

DN - Aí você acumulou a licença trabalhando no escritório?

HC - É, trabalhando.

DN: Hum, hum.

HC - Tá? Depois de dois anos de licença, me aposentei mas não interferiu em nada na parte do escritório.

Aí eu... ela começou a me roubar e começou aquilo me irritar. Aí quando foi em 95, foi... no dia... eu fiz aniversário no dia 21 de abril de 95, eu resolvi fazer um churrasco na casa do pai e deixei lá no escritório o pessoal saber que eu ia fazer o churrasco, só que eu não convidei. Eu já tava pau com os roubo dela, cheguei: “Ah, não quero essa mulé na minha casa no dia do meu aniversário.” E caiu numa sexta-feira. Aí

quando foi na quinta-feira, tipo choveu, ela chegou pra mim (*risos*): “Ah, amanhã vai chover. Como é que tu vai fazer churrasco?” Aí eu cheguei pra ela falei: “Ah, muito simples. Lá em casa tem um terraço ótimo, não vai interferir em nada e se chover, é até melhor que o pessoal bebe menos.” (*risos*) E fui pra casa, e no sábado eu fiz uma outra festa na casa de um amigo, no Grajaú, só pros ga... meus amigos *gays*, tá? Ela sabia das duas festas, só que ela não sabia que a de sábado era com os *gays* (*risos*) claro! Ela sabia que era...

DN - Ela foi na de sábado? (*risos*)

HC - Não, não. É ruim, hein?!

Então eu comemorei meu aniversário sexta e sábado. Aí eu cheguei no escri... aí na quinta-feira, antes dela conversar comigo, aí eu cheguei, liguei prum ciente que tava devendo a gente, tava precisando de dinheiro, aí liguei pra ele pra cobrar. Aí ele falou que ia resolver se ia pagar, depois me ligava. Passou o dia, ele não ligou, eu também não liguei pra ele. E na segunda-feira eu fui almoçar com um... uma funcionária desse ciente. Mas por coincidência. Eu encontrei com ela na hora do almoço, aí fomos almoçar junto. Aí eu comentando com ela que eu tinha cobrado o Lenilson, aí ela falou aqui assim: “Ó, você cobrou o Lenilson?” Eu falei: “Cobrei.” Aí ela falou aqui assim: “É, porque a Ana ligou pra lá pedindo dinheiro emprestado.” Ana é minha sócia. Aí eu vi que ela fez isso de sacanagem, pra poder ele não... pagar. Aí eu, me irritou mais ainda. Aí eu já trabalhei a parte da tarde emburrado. Aí na terça-feira, tava trabalhando, chegou o dono da sala pra reajustar o aluguel, aí eu nem entrei na sala, na sala dela, que eu tinha a minha sala, ela tinha a dela e tinha a sala que ficava as funcionárias. Eu nem sai da minha sala pra ir conversar com ele, que eu já tava tão pau da vida que pra mim tanto faz como tanto fez quanto que ele ia cobrar de aluguel. Aí quando ele saiu, ele passou na minha sala e falou: “Ó, cê... Como é que é?... cê não tá muito de bom humor hoje não, né?” Aí eu falei aqui assim: “Não, é que eu tô com muito trabalho, num posso... sair daqui pra poder ir resolver isso e eu sei que a Ana ia resolver da melhor maneira possível.” Aí ela com um sorriso enorme (*risos*), chegou pra ele e falou: “Não, deve ser falta de dinheiro.” Aí eu olhei pra (*risos*) cara dele e pra cara dela e falei: “É, porque tem gente que deve a gente e não paga.” E pronto, morreu o assunto.

Aí na quarta-feira dia 26, eu fui trabalhar, aí pensei que ia fazer: “Que que eu faço? Que que eu não faço.” Ela tava me devendo uns dois mil reais de atraso, de atrasado. Aí eu fui conversar com ela pra saber quando ela ia me pagar. Entrei na sala dela, cobrei, ela falou aqui assim: “Ó, eu tô te devendo... devo não nego, pago quando puder.” Aí eu falei: “Ó, Ana, num... não tá dando mais pra trabalhar contigo. Você tá... demorando muito a me pagar, tá me roubando, tá? E eu não agüento mais isso.” Que eu já tinha pensado...

DN - Porque na divisão do, do, do dinheiro que entrava ela ficava com...

HC - É. Ela fi...

DN - Com uma parte maior, é isso?

HC - É. É, que ela tirava as notas fria... e escondia e eu comecei a descobrir tudinho.

DN - Hum.

HC - E aquilo foi me irritando porque, pô! Eu já tinha AIDS, né? O HIV e ain, já tava ali trabalhando mais pra tentar me esconder do HIV e ainda ter que aturar alguém me roubando e ter que ficar calado pra poder continuar segurando o emprego, que eu não tava ali num... não era pelo dinheiro, tá? Mas o que me irritou foi eu ter que me sujeitar a ser roubado pra poder continuar com um lugar pra ficar, pra poder sair de manhã, não ficar andando na rua. Aí eu cheguei pra ela e falei: “Ó, cê tá me roubando, e eu não vou mais trabalhar contigo não.” Aí ela chegou pra mim e falou: “Prova que eu estou te roubando.” Eu cheguei: “Ana, eu não vou te provar que você está me roubando porque eu estou dizendo na tua cara. Eu teria que provar se você tivesse ouvido isso de “a”, “b” ou “c”. Mas você tá ouvindo de mim e você sabe que tá me roubando. E eu tô indo embora.” Saí, passei na minha mesa, peguei minhas coisa, sumi. Passei lá uma semana depois pra ver se ela me pagava. Aí ela queria que eu assinasse uma alteração, que ela tinha me dado as cópias na época, quando eu entrei pra sociedade. Aí eu falei: “Ué? Se você me pagar, eu assino. Se você não me pagar, a gente vai pra Justiça.” Ela não me pagou, nós tínhamos uma poupança é... em conjunta, em nome de pessoa mermo, não da empresa. Tinha, na época, uns trezentos reais na poupança, fui no banco, tirei... os trezentos reais. Aí fui entrar pra Justiça, quando eu entrei, ela já tinha entrado na Justiça porque... ela sabia que eu não podia ter firma, que eu por eu ser militar, não posso ter firma. Só que ela não sabia que (*risos*) eu era HIV, né? Que eu tava reformado já então que eu podia ter firma. Aí quando chegamos lá no juiz, a alegação dela (*pigarro*), a primeira coisa que ela disse pro juiz é que eu... que eu não podia ter firma dizendo que eu era funcionário público, né? Que eu era militar. Aí na merma hora eu mostrei minha identidade: “Ó, eu sou reformado. Eu posso ter firma quantas vezes eu quiser.” Aí na hora lá, a decisão, o juiz foi a meu favor. Entramos em acordo, ela me pagou o que me devia, também não pedi nada demais, só pedi o que ela me devia mesmo, que eu também não quis sacanear. Que eu podia até... pedir mais pelas minhas cotas, mas eu não queria sacanear, eu só queria que ela me pagasse o que me devia e ficar livre daquela situação. Ela me pagou... em seis vezes... mas pagou, né? (*risos*) Aí depois que eu saí do escritório, eu tive que... eu saia todo dia de manhã e ficava andando. Pegava o ônibus, o parador, né? Tem que pegar...

DN - Isso ainda pra não ficar em casa?

HC - É. Por que co... qual é a desculpa que eu ia dar pra minha mãe tá em casa todo dia?

DN - Mas isso já tinha quatro anos?

HC - Já.

DN - Ela ainda não sabia que você tinha saído da Marinha?

HC - Não.

DN - Hum.

HC - E... aí eu saía de manhã pra trabalhar, pegava o ônibus parador, pela Avenida Brasil, chi... rezava pra ter engarrafamento (*risos*) pra poder demorar pra chegar no centro da cidade. Vocês riem (*risos*), eu que sei o que eu passei. (*gargalhadas*)

DN - Aí, Hibernon, desculpe. Mas pelo menos a gente conhece alguém que gosta do...

(gargalhadas)

AP - Engarrafamento na Avenida Brasil.

DN - ...do congestionamento da Avenida Brasil.

HC - Sério! Mas era a maneira de chegar aqui tarde.

DN - Demorar bastante, né?

HC - Aí, aí que chegava no centro da cidade, andava até Copacabana, aí depois voltava andando até o centro da cidade. Aí, nisso dava uma hora da tarde, aí eu pegava o ônibus, ia pra casa. Aí dizia que saí cedo porque a Marinha não dava almoço, pra mãe... entendeu? Quando tava chovendo eu ia pra biblioteca, (*buzina*) ficar lendo lá alguma coisa. Quando eu não tava com saco de andar nem pra biblioteca, eu ia pra aquele cinema de pegação que tem ali na Cen... na, na Cinelândia que abre dez horas da manhã. Aí entrava lá...

DN - Aonde? Senador Dantas?

HC - Não, não era o Vitória. Naquela ruazinha do... Teatro Dulcina. Orli, o nome do cinema.

DN - Hum.

HC - Que ele abre dez hora da manhã. Eu entrava ali, ficava vendo aqueles filmes de sacanagem, esperando a hora passar até dá meio dia, uma hora, pra voltar pra casa. Aí foi, conheci... que eu fiquei do dia 27 de abril até dia 4 de setembro mais ou menos, foi quando eu procurei o GRUPO PELA VIDDA...

AP - De 95?

DN - Por que..

HC - É, de 95.

DN - E por que... como é que você chegou ao GRUPO PELA VIDDA?

HC - Ó, assim que eu soube que era soropositivo, eu liguei pro PELA VIDDA que eu sa... eu soube da existência do Grupo, só que eles tem uma...

DN - Você soube como, da existência do Grupo?

HC - Na sauna tinha um panfreto... alguma coisa assim que eu soube.

DN - Hum.

HC - Só que eles têm uma coisa que eu acho errada, tanto é que eu tento até mudar lá dentro. Que é uma reunião pra recepção. Tem o dia certo, é segunda-feira às 17 horas e sexta às 15. E... isso não é uma coisa que você possa marcar com uma pessoa quando

ela sabe que ela é HIV. Eu acho que tem que ter alguém ali de prantão...

DN - De repente, vai num impulso, né? Procurar o Grupo.

HC - É. Tem que ter alguém ali de plantão diariamente que na hora que a pessoa liga, ela tá desesperada, então ela quer ir conversar com alguém, não é marcar pra daqui a três dias. Daqui a três dias já passou muita coisa e tu desiste de ir, entendeu?

Então, ficava andando na rua aí o, em setembro já tava de saco cheio também de andar, não agüentava mais, foi quando eu resolvi ir no Grupo. Aí fui na Sete de Setembro, não era mais, era na... Rio Branco. Aí chegando lá fiz a recepção lá com o Alexandre, expriqueei, contei minha história todinha, que tava acontecendo. Foi gozado(*risos*) que a minha recepção foi eu e mais duas pessoas, uma queria ganhar uma televisão do Grupo, né? E a outra queria vender cerâmica. E eu só queria ter um lugar pra poder ficar, né? Aí, na saída da recepção o Alexandre me chamou, me apresentou pro Ricardo, que tava... que ia começar o Encontro. Aí eu deixei o meu cartão com o Ricardo pra poder trabalhar com ele, que ele é do financeiro. Aí passei a ir todo dia pra lá, faltava uns três dias pro Grupo... pra o Encontro. Aí eu cheguei lá fui ajudar a fazer pasta e durante o Encontro, eu fiquei mexendo com o dinheiro do Grupo...

DN - Pro Encontro...

HC - ...Nacional de Pessoas com... com AIDS. Aí, no Encontro eu fiquei trabalhando com o Ricardo paga... reembolsando passagem, é... dando vale-alimentação. Achei assim, uma confiança muito bom, a pessoa que coe... uma entidade que conhece uma pessoa há três dias, bota dinheiro na mão dela assim sem saber quem é. So, só que eu já sabia que eles tinham ligado pra ver se meu telefone era o mesmo, né? Se era meu mesmo o cartão que eu tinha dado, porque quando eu cheguei em casa no outro dia, minha mãe... falou que tinha ligado uma amiga minha, perguntando se eu queria vender o meu carro. Aí eu associei que teria sido alguém lá do Grupo porque amigo nenhum meu perguntaria se eu queria vender meu carro, que todos os meus amigos sabem que eu odeio carro, (*risos*) tenho pavor. Quero até ter um carro, mas tem que ter um motorista junto. (*risos*) Entendeu? Que eu detesto dirigir.

DN - Perguntaram se você queria vender o seu carro?

HC - Vender o meu carro... (*risos*).

DN - O carro que você não tem?

HC - É, o carro que eu não tenho. (*risos*) Então só poderia ser alguém que não me conhecia pra fazer uma pergunta dessa. (*risos*) Aí eu associei, essa pergunta veio do Grupo pra poder saber se aquele telefone era o da minha casa mesmo, né?

DN - Hum, hum.

HC - Mas tudo bem. Eles tinham que saber quem eu era, pelo menos alguma coisa pra poder botar dinheiro na minha mão, né? Aí passei, acabou o Encontro, aí foi quando eu falei pra mãe que eu fui trabalhar nesse Encontro porque eles pediram voluntário da Marinha e que cada dia de trabalho, eu ganharia três dias de licença. Então quando foi quatro dias de trabalho...

DN - Que alívio, né? Você poder ficar em casa!?

HC - É. Quando foram quatro dias de trabalho, eu multipliquei quatro por três, daria...

AP - São doze dias.

DN - Doze dias...

HC - Doze dias. E só contaria...

DN - Úteis. Doze dias úteis.

HC - É. E só contaria os dias úteis, né? Então deu bastante tempo pra mim ficar em casa assim que foi uma beleza, né? Cês riem é? (*gargalhadas*) Sério!

DN - Não, mas a gente tá rindo porque é super interessante a maneira como você resolve. (*risos*) Entendeu, Hibernon?

HC - Ah, mas tem que resolver. (*risos*)

DN - É claro que a situação não é engraçada, mas você tem um... isso é uma arte, né?

HC - Aí eu pass...

AP - Muito criativo.

DN - É.

HC - E comecei a ir pro Grupo sempre... aí ia sempre pro Grupo, comecei a me entrosar lá, tudinho, conhecia todo mundo. Aí resolvi abrir a boca...

DN - Agora me diz uma coisa, voltando um pouquinho atrás. Quando você é, é, rompeu com a Ana, né? A da... do escritório. Você não pensou em, em retomar um outro trabalho, procurar um outro trabalho como contador?

HC - Não que eu... eu não podia assinar carteira, eu não posso assinar carteira. Tem esse problema, eu sou aposentado. Firma eu posso ter, mas assinar minha carteira eu não posso.

DN - Hum.

HC- Então como eu iria arrumar um lugar pra trabalhar pra assinar minha carteira? Quando pedissem minha documentação, ia ver que eu não tenho atestado militar, a... então iam pedir minha documentação, eu teria que mostrar a carteira de reformado. Iam querer saber por que que eu sou reformado. Então tem...

DN - Hum. Mas aí, a essa altura, você já tinha experiência...

HC - Já.

DN - Prática, né?

HC - Já.

DN - Pra poder até abrir uma firma sua. Uma outra firma.

HC - É, mas pra abrir um escritório é fácil, arrumar os clientes é que difícil, né? (*risos*)

DN - Hum, hum.

HC - Sério. Então não adiantava eu abrir um escritório, ficar lá sentado sem conhecer ninguém.

DN - Esperando alguém aparecer.

HC - Entendeu? Então, agora eu resolvi ficar andando por aí mesmo.

Aí fiquei indo pro Grupo. Hoje em dia, tô lá até hoje, gosto muito do pessoal. Foi um lugar onde... fez eu me integrar de novo a sociedade, hoje em dia eu não tenho medo de dizer pra ninguém que eu tenho HIV, entendeu? Meus amigos, a maioria, são soropositivos e os que não são, sabem que eu sô, tá? Eu acabei com o preconceito que eu tinha dentro de mim, né? O da sociedade, isso a gente tenta acabar, mas pelo menos com o meu eu acabei, tá? E foi rolando...

DN - Como, como você acha que foi esse processo, Hibernon? Você falou assim, acabou com o preconceito... seu próprio, né? Que você tinha dentro de você.

HC - É, eu...

DN - Seus amigos, hoje sabem... ou eles também têm HIV...

HC - É, foi uma coisa que aconteceu com...

DN - Ou eles sabem que você tem e isso não te ameaça, né?

HC - Não, não, de jeito nenhum.

DN - É, é... como é que você acha que foi esse processo de você acabar com o preconceito que você tá dizendo que tinha?

HC - Ó, eu vou te dizer. Eu quando eu descobri que eu era HIV eu tinha dez anos de Marinha, então na época meus amigos eram todos da Marinha, né? Pessoa que vive dez anos num trabalho, a maioria do teus amigos é da onde? É de perto de casa ou do trabalho.

DN - Hum, hum.

HC - Eu, aonde eu moro com meus pais, onde morava com eles, eu nunca fui de titi com vizinho, nunca gostei disso. Mais também por causa da minha homossexualidade. Então, eu sempre saí aqui pra baixo, vinha fazer minhas... coisas aqui em baixo.

Vizinho é só “bom dia, boa tarde e boa noite”, tá? Nunca fui de ter amigos em vizinhança pra sair, tomar uma cerveja, essas coisas, tá? Por causa que... a maioria deles num iam aceitar a minha homossexualidade, então nunca gostei de me misturar. Conheço todo mundo, falo, mas... nada de muita amizade com vizinho. E os meus amigos da Marinha...

DN - Que que cê falou? Que a maioria deles, é, quer dizer...

HC - É.

DN - ...dos vizinhos não aceitaria sua homossexualidade.

HC - É, não aceitaria a homossexualidade. Então eu preferi me afastar, sempre me fechei no meu mundo, tá?

AP - Eles não sabem da sua homossexualidade?

HC - Até sabem, mas não conversam. Merma coisa que eu fiz com o pai, eu fiz com eles, entendeu? Que eu moro com, lá desde os cinco anos de idade. Então eles sabem. Já transei com muito deles. Mas eles casaram, têm filhos. Hoje em dia até transo também com alguns deles, casados mesmo, tá? Mas a gente nunca foi de sair, entendeu? Porque eles tinham a vida deles, eu tenho a minha e nunca quis misturar muito as coisa, nunca gostei de misturar.

Então meus amigos eram da Marinha, era os que eu saía, que era o pessoal que saía do trabalho, ia tomar um *chopp*, tudinho. E na Marinha eu nunca tive esse problema. Que o pessoal da Marinha eu quase não transei, em dez anos foram dez pessoas. Então a maioria podia até desconfiar que eu era *gay* que não me viam com namorada, não via eu falar, mas nunca tocaram no assunto então era mais fácil de conviver com isso, tá? E quando eu descobri que era HIV, que a Marinha me mandou pra fora, que apesar dela ter me aposentado depois, ela simplesmente me expulsou lá de dentro. E junto com o HIV veio a tua homosse... a tua sexualidade junto, né? Os que desconfiavam que eu era *gay* iam ter a confirmação. Então eu perdi todos os meus amigos, me afastei de todo mundo, simplesmente eu fiquei sozinho...

DN - Quer dizer, você perdeu, você também não procurou? Cê...

HC - Não, não procurei. Eu me afastei com medo... deles saberem da minha sexualidade, confirmarem. Então eu evitava até passar na porta do Primeiro Distrito (*risos*), né?

DN - E eles também não te procuraram? (*pigarro*)

HC - Só um que me procurou, que foi o Joécio, pra conversar aí conversamos tudinho e hoje em dia é o único que eu tenho contato assim, tá? Ele é um sargento da minha turma. Foi o único... que me procurou. O resto eu perdi o contato mesmo. Aí, eu fiquei sem amigos. Aí fui trabalhar nesse escritório, minha amizade era a Ana, as duas funcionária, só. E depois tinha alguns clientes que a gente saía, tomava um *chopp* e tive que reconstruir a amizade tudinho, que eu fiquei sem pai e sem mãe, pode se dizer em matéria de amigos. Aí quando eu saí do... e nunca conversei com eles sobre HIV. Que nenhum de...

DN - A Ana, por exemplo, nunca soube que você era soropositivo?

HC - Eu acredito que ela saiba agora porque quando eu coloquei ela na Justiça e ela viu que...

DN - Que você era reformado?

HC - Que eu era reformado e a maioria dos meus clientes na Mari... no escritório, vendiam pra Marinha, sargentos reformados, oficiais. Então eu conheço até o roubo todo de dentro da Marinha, como é que é feito essas licitações todinha (*risos*).

DN - Hum.

HC - Que eles não sabiam que eu era militar, só quem sabia era a Ana e a gente não deixava escapar isso porque eles ficava com medo da gente vê o roubo e... então os clientes não sabiam que eu era militar, então sabia... eu sei de toda manobra que existe lá dentro da (*risos*) Marinha, né? E se eles soubessem que eu era militar, a gente podia até perder o cliente, soubesse que eu era da Marinha também.

DN - Era cliente que vendia para a Marinha?

HC - É, vende pra Marinha. Vende tudo co...

DN - Vende super-faturado, essas coisas?

HC - É, essas coisas tudinho. Então eu via esse roubo todo de perto, por incrível que pareça!

DN - Hum.

HC - Aí eu tinha me... esses eram os amigos que eu tinha e eles também não sabiam da mi... da minha sexualidade então eu sempre fiquei... mais de lado. Aí foi quando eu larguei o escritório, que aí eu me afastei de todo mundo também e fui pro... Ah, não! Durante esse período teve um cliente que descobriu que eu era da Marinha. Aí veio perguntar o que que eu estava fazendo ali, que ele pensou que acho que eu tava fazendo algum trabalho pra derrubar os roubo dentro da Marinha. Que ele, uma vez eu fui visitá-lo aqui no Mercado São Sebastião, aí ele tava, a gente tava conversando quando tocou um telefone, aí ele falou com... era um fiel da Marinha, esses cara que compram, que faz a negociação do dinheiro tudinho. Aí ele pediu pro cara esperar que ele tava conversando com contador dele, Hibernon. Aí como meu nome é um nome raro e o cara do outro me conhecia, aí o cara falou aqui assim: “Ah, mas esse cara é de Marinha. Ele não é teu contador.” Aí o Ulisses chegou, falou: “Não, ele é meu contador, ele não tem nada a ver com a Marinha.” Aí o cara: “Como é que ele é?” Aí o Ulisses falou: “Ó, ele é assim, assim...” “Não, esse cara é o sargento Hibernon telegrafista.” Aí ele desligou o telefone, aí veio perguntar que eu estava fazendo ali, se eu tava ali a mando da Marinha, do CENIMAR, né?

DN - Isso te assustou na hora, não?

HC - Assustou, mas eu falei pra ele: “Não, eu apenas tô com tempo vago, eu sou contador e resolvi ganhar dinheiro. O que vocês fazem, pra mim... (*bater de mãos*)” Aí ele falou pra mim que era pra... se fosse só isso que não tinha problema nenhum, que eu poderia continuar fazendo o trabalho normalmente, agora se eu tava afim de alguma outra coisa que era melhor abrir logo o jogo. Mas como eu num... continuei trabalhando, nunca dei pobrema pra ele. Então deve ter sido fácil pra Ana descobrir que eu tava aposentado pelo HIV depois que eu mostrei a identidade de reformado, entendeu?

DN - Hum, hum.

HC - Que ele, ela de, deve ter conversado com os crientes e por contato, alguém deve ter ido na minha ficha lá dentro e viu que... porque que era a minha reforma, né? Então, eu acredito que hoje ela saiba que eu tenho HIV.

Aí quando eu entrei pro PELA VIDDA, fiquei lá calado, observando tudinho até que eu resolvi abrir a boca, mostrar que eu era homossexual, falar da... do HIV. E tu... com os amigos, lá dentro você tem pessoas soronegativas que te dão esse... respaldo de você ver que não existe também tanta discriminação, que uma boa parte tá dentro da gente. Não vou dizer, existe sim, eu fui discriminado totalmente quando a Marinha me botou pra fora, tá? Mas existe pessoas que... não esquentam com isso. E isso vai te dando suporte.

DN - Você...

HC - Você vai pro Encontro Nacional onde você conhece mil pessoas ali dentro...

DN - Voltando um pouquinho essa questão da Marinha: você não pensou em nenhum momento, é... resistir a essa decisão da Marinha, por exemplo?

HC - Não, porque eu não tinha informação nenhuma...

DN - Questionar essa, essa, essa reforma...

HC - Eu achava que eu ia morrer, entendeu?

DN - Hum.

HC - Porque uma coisa que aconteceu é que quando eu soube que era HIV... eu só fui comprar meu remédio tem agora um ano e seis meses que eu tô tomando remédio. Então desses sete anos e seis meses que eu tenho, que eu sei que tenho AIDS, tá? Só tem um ano e meio que eu tomo medicamento. E eu sempre fiquei em casa, o médico nunca passou um medicamento, nunca chegou pra mim pra conversar e dizer: “Ó, a AIDS é assim. Você não vai tomar remédio porque tuas taxas estão boa.” Ele simplesmente mandava eu ficar em casa. Então tu tá sempre esperando morrer no dia seguinte. Eu vou processar o que? A qualquer momento vem a porcaria e te leva. Então não tinha pensamento nem pra isso. Tanto é que quando a Marinha me reformou em 93, eu fiquei dois anos sem ir na Marinha, tá? Porque eu ia lá só pra poder tirar sangue no médico e voltar pra casa então resolvi num ir. Eu peguei meu último exame e guardei no guarda-roupa lá em cima...

Aí quando eu entrei no Grupo é que conversando com o pessoal, o pessoal me incentivou a voltar pro médico. Foi quando chegou também no Grupo o Ronaldo

Espíndola, que também era da Marinha, aí me incentivou pra mim voltar lá, fazer meus exame. Aí eu comecei a ler, saber realmente que que era a AIDS, que até então eu não sabia nada sobre AIDS que eu via a propaganda, eu saía da sala. Não, eu não queria ver aquelas propagandas idiotas da televisão que dizia: “Se você não se cuidar, a AIDS vai te matar.” É horrível tu ouvir isso, sabendo que tu tem AIDS, entendeu? Eu tinha que sair, não lia nada em jornal que eu só esperava a morte. E quando tu chega no Grupo você vai lê, vai se informar, vai saber tudo que tá acontecendo, saber porque que o médico só pedia pra fazer o exame, porque que... ele não passava o medicamento, entendeu? Aí tu vai descobrir uma série de coisas que eu acho que o médico poderia ter conversado na época, contigo. Explica algumas coisas. Coisa que ele não fez, então te deixa totalmente... desesperado, né? E no Grupo tu aprende essas coisa, começa a lidar com pessoas... tu vai pro encontro onde tu encontra mil pessoas que...

DN - Soropositivas e que estão vivas.

HC - Positivas e negativas, é, que estão vivas. Que até então, eu entrar no Grupo, eu achava que eu era o único soropositivo que não morria, né? Que não tinha uma doença. É incrível isso! Mas eu passei quatro anos e pouco da minha vida assim, achando que eu era a única... pessoa com AIDS que não tinha uma doença, tá? Então, aí tu conhece um outro mundo, abre portas pra você assim, de tu conhecer pessoas tanto positivas como negativas, que não têm problema nenhum em lidar contigo, vão beber no mesmo copo contigo, entendeu? Não fumam o teu cigarro, que você tá fumando, pega. E isso vai te dando mais liberdade pra você vê: “Pô, existe ainda um mundo onde a gente pode viver.” Tá? Aí...

Foi quando eu fui me despidendo de todo preconceito que existia... que existem os dois lados do preconceito, o externo e o interno. E se você consegue acabar com o teu, você já conseguiu grande coisa. Hoje em dia, qualquer amigo meu sabe que eu tenho HIV, eu não escondo de ninguém, tá? Os, os que tão che... os antigos eu já contei e os que tão chegando agora eu faço questão que saiba. Eu não vou chegar: “Eu tenho AIDS.” Não, mas eu já tomo remédio na frente deles, falo sobre AIDS, tudinho e não preciso nem contar. Pelo meu papo eles, pelo meu discurso eles notam que eu tenho HIV. Quando vê eu tomar um remédio aí eles: “Pô, esse cara tem AIDS.” (*interferência na fita*) Entendeu? E fui acabando. Os meus amigos hoje em dia, eu não vejo preconceito nenhum. Foi quando eu fui pro Grupo que eu resolvi alugar um apartamento aqui, tem dois anos que tô morando em Copacabana. E no início eu não contei pros meninos que eu tinha AIDS, que eu fui morar com dois rapazes num apartamento de três quartos, cada um tem o seu quarto. Então eu não contei pra eles... porque... aí quando eu fui, foi na hora de alugar o apartamento...

DN - Pessoas que você já conhecia?

HC - É, já conhecia, tá? Através da Adélia, uma amiga minha, eu conheci. Foi a Adélia também que abriu muitas portas do mundo... *gay* pra mim, entendeu? Ela era amiga, ela era namorada... ela era namorada... de um amigo... do meu namorado. O meu namorado tinha um amigo, um grande amigo e ela namorava ele e eu namorava o Gil. E quando a gente termi... quando eu terminei com o Gil, eu fiquei...

DN - Mas continuou a amizade com essa amiga.

HC - Continuou muito minha amizade com a Adélia e ela me mostrou o universo *gay*

todinho, assim, passei a ter amigos mermos *gay*. Que até então eu vivia minha vida de *gay*, eu ia numa boate, ia numa sauna, mas eu transava, cabô... E com a Adélia não, passei a ter amizades mermo. E através dela, conheci esses dois garotos que a gente divide apartamento. E eles não sabiam e na hora de dá, mostrar a documentação eu tinha que mostrar a documentação que eu era militar reformado, tive até receio na hora mas passô, eles não perceberam nada. Aí quando nós tavamos morando junto, como eu tinha a faca e o queijo na mão também, né? (*risos*) Que o apartamento tava no meu nome, eles não podiam me botar pra fora, né? (*risos*) Era mais fácil eles sairem, né?

DN - Ó o poder econômico de novo. (*gargalhadas*)

HC - É. Não, mas é uma realidade. Aí eu me lembro que assim que nós fomos morar juntos, nós fomos num dia pra *Le Boy*, aí o Carlo...

DN - Foi aonde?

HC - Na *Le Boy*, uma *boite*

DN - Ah, na *boite*, tá.

HC - Aí o Carlos chegou pra mim, ia passando um cara que ele sabia que tinha AIDS, aí chegou pra mim: “Ó, não se aproxima dele não que ele tem AIDS.” O cara tava indo pro quartinho escuro. “Então se tu for lá, tu toma cuidado pra não encostar nele.” Aquilo pra mim foi um... é um preconceito, é uma porrada, ele não sabia que eu tinha. Então eu cheguei: “Não, tá na hora deles saberem também que eu não vou ficar levando só porrada e ficar calado.” Aí passou uma semana, eu cheguei pra eles e chamei os dois no meu quarto: “A gente tá precisando conversar.” Eu falei: “Ó, acontece isso, isso e isso. Cês sabem que eu trabalho no PELA VIDDA, acham que eu sou muito bonzinho, mas eu não sou bonzinho. Eu tô lá porque eu preciso que eu tenho AIDS. E quero saber que que a gente vai fazer agora. O apartamento tá alugado, a gente mora aqui, quero saber se vocês vão querer ir embora.” Fui bem taxativo, né? “Ou vão ficar?” Né? (*risos*)

DN - Que indireta, né?

AP - “Eu não saio.” Né? (*risos*)

HC - Eu não saio, lógico. (ri) Aí eles resolveram ficar, nunca vi assim, preconceito nenhum, são super amigos meu. O Leandro que eu tive que tirar do apartamento porque tava fazendo muita merda dentro do apartamento, eu não tava concordando com algumas coisas, inclusive uma era a droga que ele começou a fumar maconha e eu não gostei. Aí expulsei ele do apartamento. Se ele descobrir que eu tô fumando hoje, vai ser horrível. (*gargalhadas*)

DN - Vai perder a moral, Hibernon.

HC - Sério, sem brincadeira. Entendeu? E nunca tive assim pobrema nenhum, aí foi quando eu fui abrindo pros outros amigos tudinho, numa boa e nunca tive pobrema nenhum com isso mais não. Sem brincadeira. Num, nus escritório onde eu trabalho não conto. Que também não há necessidade também de tu ficar abrindo, levantando bandeira. Apareço na televisão, já dei entrevista em jornal, se alguém vê... não posso

fazer nada. Agora eu também não vou ficar: “Ó, eu tenho AIDS.” Também, é querer muito. Mas se souberem, tudo bem. Não preciso também do meu trabalho, desses escritório. Gosto, eu trabalho com contabilidade que é uma coisa que me dá prazer, tá? Não trabalho por dinheiro. Eu ganho num escritório 170 reais e no outro 170 reais.

DN - Cê então trabalha em dois escritórios de contabilidade?

HC - É, dois escritórios.

DN - Sem carteira assinada...

HC - É, sem carteira assinada, sem nada.

DN - Trabalha tipo *free lancer*, vai lá...

HC - É, é. Eu trabalho mais pro meu prazer, que eu gosto de trabalhar com contabilidade. Então, se algum dia descobrirem e não quiserem que eu trabalhe lá, não vai ser 170 reais que vai mudar minha vida, tá? Então, dá pra viver normalmente, tenho mais pobreza nenhum não.

DN - E, e sua mãe?

HC - Ah, minha mãe, agora ela sabe que eu tenho AIDS porque...

DN - Agora ela sabe que você não está mais na Marinha?

HC - Sabe. Ela soube vai fazer agora dia trinta de abril... um ano.

DN - Trinta de março?

HC - Não, trinta de abril.

AP - Ele marca as datas.

HC - 30 de abril vai fazer...

Data: 27/03/1998

Fita 2 – Lado A

DN - Vamos dar início a segunda etapa da entrevista com Hibernon Costa Guerreiro. Hoje são 27 de março de 1998. Estamos no Rio de Janeiro. Participam como entrevistadores Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaqueiu.

Hibernon, na última vez é... você tava nos contando que sua mãe, sim, em suma, você passou vários anos sem que sua mãe soubesse que você tinha sido reformado na Marinha por conta do diagnóstico de soropositividade do HIV e aí você ia começar a nos relatar como é que ela soube, né?

HC - Ah, eu escondi...

DN - Isso na verdade cê, só, só narrando, foram quatro anos?

HC - Ela sem saber?

DN - Ela sem saber.

HC - Não, seis anos e meio.

DN - Seis anos e meio.

HC - Ah, eu escondi esse período todo, saía pra trabalhar como eu disse, né?

DN - Hum, hum.

HC - Aproveitava o engarrafamento (*risos*). Aí ano passado, o, o... minha tia já tinha descoberto no início do ano, em janeiro, mais ou menos, ou dezembro, que eu era HIV. Perguntou pro meu primo, aí meu primo veio me... me chamou pra poder responder a ela a pergunta e eu confirmei pra ela.

AP - Mas que que ela, foi ela...

DN - E por que que ela... (*risos*) Por que que ela teria perguntado sobre isso?

HC - É porque no escritório onde eu trabalhava, um dos clientes passou a ser o filho do marido dela, o entiado dela.

DN - Hum.

HC - Então quando eu saí do escritório, que eu fui pra Justiça, como meus clientes eram a maioria da Marinha, então a, a Ana minha sócia deve ter procurado saber por que que eu era reformado, que até então minha sócia não sabia que eu era reformado da Marinha. Então, deve ter descoberto o motivo real. Então, comentou isso com o fi... com o Hildo, que é o enteado da minha tia. E o... Cris, que é o pai dele chegou pra minha tia, falou que tavam... tinha ouvido falar que eu tava com AIDS. Ele perguntou a ela, ela falou que não e morreu o assunto. Alguns meses depois ele, de novo, chegou pra minha tia e falou que eu estava com AIDS. Ela falou aqui assim: “Não está não. Não sei

de nada.” Realmente ela não sabia, mas ficou com a pulga atrás da orelha porque ela falou que boato ele vem, vai embora e some, não aparece nunca mais. Passou mais alguns meses, ele chega, de novo, pra ela e diz: “Ó, Guerreiro tá com AIDS.” Aí ela falou aqui assim: “Não, não está.” Foi quando ela chegou pro meu pri... procurou meu primo, que sabia que se eu tivesse, meu primo saberia que nós somos quase como irmão, né? Aí ela perguntou e eu tava perto, ele foi, me chamou e falou: “Ó, tua tia tá querendo saber se cê tem AIDS.” Aí eu olhei pra cara dela e falei que tinha. Aí minha mãe tava por perto, ela segurou, né? Pra também não chorar que senão a mãe... ia vê que tava acontecendo alguma coisa. Aí depois eu fui lá conversar com ela, expliquei pra ela toda a situação, aí ela falou que não era pra contar pra minha mãe também, que a mãe é muito protecionista pra essas coisas assim, né? Então que era melhor ela não saber. Se eu já tinha conseguido levar seis anos sem contar, pra que contar agora? Isso foi mais ou menos em dezembro ou janeiro.

Aí quando foi em abril, no dia 30 de abril eu tava em casa, fui almoçar, como sempre eu vou, né? Aí chegou uma carta lá em casa que não dava pra ver quem era o remetente, carta anônima, tudo, o remetente era tudo mal escrito, tu não identificava nada, pra minha mãe. Eu olhei, eu que recebi, uma carta registrada que queriam ter certeza que ela ia receber a carta. Eu assinei o comprovante, olhei, achei estranho mas era pra minha mãe, entreguei a carta pra ela. O interessante é que tava minha tia que sabia e meu primo em casa, tá? Então, ela abriu a carta, leu, aí chamou meu pai, mostrou a carta. E eu vi eles conversando, batendo papo, tinha acabado de almoçar, minha tia tava lavando louça, meu primo sentado na mesa ainda, eu em pé na, na cozinha batendo papo, eles dois na varanda assim. Aí ela passou a carta pro meu pai, meu pai leu, aí a mãe falou: “Ó, aqui tá dizendo que você tem AIDS e que tá reformado.” Aí minha cabeça deu aquela volta assim, eu olhei pra minha, aí minha prima, minha tia virou, ela também ouviu, né? Aí meu primo olhou pra mim, aí eu, eu encarei os dois e eu vi que eles tavam esperando uma atitude minha pra me dar o apoio, né? Aí eu neguei, falei que não, que não tinha AIDS, que aquilo era uma brincadeira de mau gosto, aí minha...

DN - Era uma carta manuscrita?

HC - Era manuscrita, tá? Uma letra feminina, mas eu acredito que... eu desconfio quem fez isso, tá? Mas não posso acusar e a letra num, num importa e qualquer pessoa pode mandar escrever uma carta pra você.

DN - Hum, hum.

HC - Aí minha tia e meu primo começaram a dar maior apoio falando que tudo era uma brincadeira, que nêgo tava querendo me sacanear, que não sei o quê, essas coisas assim. Aí conseguimos convencer meu pai e minha mãe que eu não tinha AIDS. Mas nesse período, enquanto a gente tá convencendo eles que eu não tenho AIDS, minha cabeça tá girando, né? Que há muito tempo que eu queria contar pra eles, tanto é que na segunda-feira, antes da carta chegar, que a carta chegou numa quarta, eu cheguei pra contar pra eles, que eu já tinha contado pro meu irmão em outubro, meu irmão tinha mandado güentá: “Não conta não.” Aí como eu tinha feito... aniversário em abril... no dia, meu irmão faz aniversário dia 26 de abril, aí ele ligou pra mim, que meu irma, meu irmão mora nos Estados Unidos. Aí chegou: “Ó Guerreiro, você conta pro pai e pra mãe que já tá na hora deles saberem. Cê senta com eles, conversa...” Isso foi no sábado que foi aniversário do meu irmão. Aí na segunda eu ia contar pra eles, aí me preparei todinho,

fiz aquele, como é que tinha que ser, esquema tudinho. Aí quando eu cheguei em casa pra contar, na hora do almoço, na segunda-feira, tava minha tia e meu tio lá, esses não sabiam, aí não dava pra contar.

DN - É, uma outra tia, não essa que já sabia?

HC - É, tá lá tia Mirtes lá com tio Zé pra almoçar. Aí não dava pra contar pra eles dois porque já tinham mais duas pessoas, eu tinha me preparado pra dois só, não pra quatro, né? (*risos*) Aí eu güentei, aí quando foi na quarta chegou a carta. Aí minha cabeça rodando... tava na hora mermo de dizer aí quando eu convenci os dois que era tudo mentira com meu tio, minha, meu primo, aí acabou o assunto, aí eu olhei pra minha mãe e pro pai e falei: “Ó, vocês querem saber a verdade? É verdade!” Aí a mãe derramou em lágrima, né? Aí minha tia e meu primo também já vieram dando apoio, que eles sabiam, aí pra expricar... tentar convencer eles que não era tão ruim como se pensava sobre... eu já tinha seis anos e meio que tava com AIDS, então não era uma coisa tão preocupante porque ela viu que nesse período tudo eu nunca tive pobrema de saúde, nada disso, sempre me cuidei. Aí eu tinha alguns materiais em casa, dei pra eles lê. Aí saí com meu primo também. Eu contei, expliquei uma coisa rápida e saí com meu primo e deixei minha tia conversando com eles. Aí no outro dia quando eu fui, já levei bastante material pra eles lerem, pra eles saberem tudo que tava acontecendo e quando foi na segunda-feira eu levei eles no Grupo pra eles conhecerem o Grupo, que eles já sabiam que eu participava do Grupo. Pra conhecer as pessoas com quem eu andava, que que a gente fazia, tudinho. Então foi assim que eles descobriram.

Aí daí pra cá começou... Antigamente eu só ia almoçar, agora eu almoço, trago janta. Teve uma época que a gente só comia peixe e fígado lá em casa porque deu no jornal que uma pessoa com a AIDS tinha que comer peixe e fígado, então um dia era peixe outro dia era fígado (*risos*). Era horrível! Aí agora... mês passado, há uns dois meses atrás, meu médico proibiu... proibiu não. Pediu pra mim diminuir massas e carne vermelha porque meu triglicerídeo tá alto. Aí eu caí na asneira de dizer pra eles, aí, não entra mais carne lá em casa, entendeu? Essas coisinhas assim. Mas dá pra levar numa boa. Eles tão...

AP - Mas por que que você saiu da casa dos seus pais, Hibernon, pra morar com os amigos? Você não tinha contado isso.

HC - Ó, eu já tinha saído uma vez, tá? Eu fui morar com um namorado que eu tive, aí não deu certo, eu voltei. E dessa vez eu voltei porque, pelo local... o que eu tô fazendo atualmente que é o... GRUPO PELA VIDDA, eu tinha que tar mais por perto, entendeu? Eu tando ali na... Zona Sul fica mais fácil pra poder me locomover que às vezes as reuniões acabam dez horas, entendeu? Às vezes, é oito, mas as vezes sempre fica até dez, aí tu vai tomar um chope com a turma e pra ir pra São Mateus é difícil, tu ficar aqui na Cidade até meia noite, uma hora pra poder pegar essa Avenida Brasil... Foi esse o único intuito que eu saí de casa.

E também, não sei, isso as vezes eu tento... não acreditar também, mas é uma maneira também deu já estar me afastando deles pra poder... eles não sentirem tanto quando eu tiver que adoecer e ir embora, entendeu? Que eu acredito que pai nenhum e mãe tá preparado pra ver filho morrer, né? Vamos ser realistas. A lógica da vida é eles morrem na minha frente. Então eu já tando afastado deles, eles num, talvez não sintam tanto como se eu tivesse morando com eles até o final. Bem que eu sei que vai chegar numa hora que eu vou ter que voltar a morar com eles, entendeu? Porque quando a

doença aparecer, vou internar e eu não vou ter condição de ficar sozinho morando no apartamento. Mas pelo menos, eu já deixo uma certa distância entre eu e eles. É mais por causa disso que eu saí.

AP - Mas quando eles descobriram o... o HIV, você já, você ainda tava lá ou não? Cê já tinha saído?

HC - Não, não. Eu já tinha saído de lá. Eu saí tem dois anos, tá fazendo agora em março, e eles tão sabendo há um ano só.

DN - Cê já tinha saído mas ia almoçar todo dia lá?

HC - Ia, isso sempre tem que ser. Independente de AIDS, eu tenho que ir lá almoçar (*risos*).

AP - Que trabalho, hein? (*gargalhadas*)

HC - Não, o pior é que é um trabalho. Às vezes eu saio da Barra pra ir em São João.

AP- Pra ir, é.

HC - É horrível! Mas se eu não for, a mãe fala pelos cotovelo. Então eu tenho que ir lá pra deixar ela quietinha (*risos*).

DN - Hum.

HC - E é isso que acontece. Mas eles são ótimos, adoro os meus pais.

DN - E aí, Hibernon, quando ela soube foi só... quer dizer, o que ela fez foi chorar?

HC - Foi chorar, chorou bastante. Meu pai não chora porque meu pai é um cara muito fechado, na dele, ele não é de falar, ele só escuta. Aí eu levei todo material, ele leu, aí ele falou que já estava por dentro de muita coisa e queria saber mais tudo, então tudo que sai de novo, eu compro. Eu sempre apareci em televisão, não dizendo que tinha AIDS, lá pelo Grupo e eu sempre comuniquei a eles: “Ó, vai aparecer uma entrevista dia tal.” É isso nunca incomodou eles. Agora, depois que eles souberam, eu dei uma entrevista na televisão e eu não contei, que eu achei que era a coisa mais normal que tinha. Eles já sabem que eu tenho AIDS, que trabalho no Grupo, não preciso ficar... que antigamente eu dizia pra eles que eu ia aparecer pra poder eles não levarem um choque na hora de ver, que as vezes podia tá no canal, liga e: “O Guerreiro ali falando negócio de AIDS.” Então...

DN - Mas aí você dizia o quê? Que ia aparecer na televisão, dar entrevista por causa de quê?

HC - É, que eu... agora... não eles sabiam, eles sabiam que eu fazia parte de um grupo de AIDS, eu lutava pelos direitos das pessoas que têm AIDS, ele não sabia que eu tinha.

DN - Ah, sim.

HC - Então eu era o porta-voz dessas pessoas, né? Pra poder aparecer...

AP - Ah, isso ele já sabia?

HC - Já, mas eles nunca se incomodaram porque eu falei que eu fui fazer um serviço voluntário pra Marinha e acabei ficando por lá.

AP - Você falou isso na, na, da causa.

HC - É, eu gostei da causa e abracei.

DN - Hum.

HC - Então eles nunca se chocaram com isso, tá? Agora, depois que eles souberam, a primeira vez que eu apareci na televisão eu não comuniquei que pra mim já era normal. Eles já tão sabendo, eu não tenho mais o que esconder. Aí tudo bem, aí quando eu chego no outro dia em casa, levo um esporro dos dois, né? Porque eu tinha aparecido na televisão e não comuniquei a eles, que que eu tava escondendo dele? Aí eu tive que explicar que eu não tava escondendo mais nada, por não estar escondendo que agora não há necessidade de ficar dizendo: “Eu vou aparecer dia tal, hora tal, canal tal.” Entendeu? Então têm essas coisas assim que é meio complicado na cabeça dos pais da gente (*risos*).

DN - E antes, você, quando dava essas entrevistas, aparecia na televisão, você falava do GRUPO PELA VIDDA mas não, é, é... revelava que você tinha AIDS?

HC - Não, até que eu não falava assim, eu era só mais a imagem, sempre tinha alguém pra falar...

DN - Hum.

HC - Eu ficava como pano de fundo pra mostrar as pessoas que participavam do Grupo.

AP - Ou então nos eventos, não é?

HC - Senão, fazer manifestação.

AP - Isso, fazer manifestação.

DN - Hum, hum.

HC - Então quando filmava a manifestação, tava eu lá, entendeu? Mas momento nenhum eu abria a boca pra falar na entrevista, eu só aparecia. Então... pras pessoas que tão vindo de fora, acha que todo mundo tem ali tem AIDS, né? Quando na realidade tem muita gente que tá ali que não tem. Então isso eu explicava pra eles que a gente que não tinha AIDS tinha que aparecer pra dar suporte porque quem tinha não podia (*risos*) aparecer, entendeu?

DN - Hum.

HC - E eles acreditavam nisso, né? Era muito fácil (*risos*) enganar os dois. Aí depois que eles souberam eu não, vou comunicar mais o que? Eles já sabem, não tem mais que ficar...

AP - Tendo esse trabalho todo.

HC - Aí, foi quando eles... se sentiram assim ofendidos porque eu não comuniquei. Aí agora toda vez que vai acontecer alguma coisa eu tenho que avisar: “Ó, dia tal liga a televisão que eu vou tá lá.” Entendeu?

AP - E o res...

HC - Quando dei a entrevista pro jornal, tive que di, comprar o jornal, levei pra eles lerem tudinho.

AP - E o resto da família, Hibernon? Também aceitou assim...

HC - Ó, a família, no início, minha mãe não queria que contasse. Aí eu conversei com eles e falei: “Ó, eu sempre escondi da família, por que? Não que eu tinha pobrema com a família. Mas que se eu conto pra família ia chegar no ouvido do meu pai, da minha mãe. Quanto menos pessoas na família soubesse, eu se, tinha certeza que era um segredo, mas se eu abro pra família inteira, ia ter um que ia escapular. Então sempre escondi da família por causa disso. Então eu não dependo da família pra nada. Minha família, graças à Deus, é uma família muito unida, tá? Aquela família de almoço em de Dia de Pai, Dia de Mãe, aniversário da minha vó, qualquer motivo é motivo, até velório é motivo de festa pra minha família se reunir. (*risos*) Então sempre escondi mais pra poder não chegar no ouvido dos velho, quando os velho souberam eu cheguei: “Ó, agora tá na hora da família saber.” Aí chamei eles pra... aí minha mãe falou que não, a mãe agora tá nessa de que não quer que conte pra fa, escolheu alguns pra contar, inclusive tio Zé e tia Mirtes foram um dos primeiros que foi esses que tavam lá no dia que eu ia contar, contei pra eles, e...

DN - São irmãos dela? Quer dizer, um...

HC - Tio Zé é irmão da minha mãe.

DN - É irmão dela.

HC - Aí eu, ela escolheu as pessoa, eu fui, contei e ela não quer agora que abra pra todo mundo que senão vai chegar nos ouvido das minhas vós, ela não quer que minhas avós saibam, entendeu? Porque acha que eles não vão aguentar, eu cheguei: “Ah, tá eu já conheço essa história há (*risos*) muito tempo.” Mas, aí eu tô abrindo pra todo mundo, aí peço segredo causa da, da minha vó que mora aqui no Rio e minha vó na Bahia. Minha prima que tá morando em Friburgo, a Ida que soube co... que ela ia ficar cega, contou agora em dezembro pra ela, que eu quase não tenho contato com ela, aí ela veio até com umas orações aí pra poder eu lê, que não sei o quê mas tudo bem. Ainda nem peguei a carta pra saber que que tá escrito, que é interessante, ela tá com pobrema de hanseníase, né? Então ela já mudou até de religião por causa disso, agora ela é crente. Fez o tratamento aí quando tava tudo certo, voltou a doença de novo.

AP - Mas o que que ela era antes de ser crente?

HC - Ó, ela já foi macumbeira, aí depois passou a ser cardecista, agora é crente. Cada vez que acontece uma coisa na vida dela, ela vai mudando de religião, uma beleza! Eu acho uma falta de fé em Deus incrível! (*risos*) Que eu acho que quem acredita em Deus não muda de religião, né? Mas, se ela quer. Aí agora, sema, é...mês passado, no Carnaval, ela mandou pela irmã dela uma carta que eu ainda não recebi, mas a Ida já me ligou avisando que é pra mim pegar, quer falar pra mim ler umas orações na Bíblia, não sei o que, eu: “Tá, eu vou pegar e vou ver.”

Minha tia, a mãe delas duas, soube semana retrasada que eu comen, pedi pra minha mãe contar porque se as duas filha já sabe, eu tinha quase certeza que a mãe tava sabendo, não comentam por educação, né? Eu falei: “Ó, mãe, tá na hora da senhora chegar pra tia Zuzu e contar logo isso que fica só nessa mentira, não é nem mentira. Essa omissão, né? É melhor contar logo, a gente não tem que ter medo, ter vergonha de ninguém. Chega, conta e pronto.” O máximo que pode fazer é ela não querer olhar mais pra minha cara, se quiser olhar, bom, se não quiser, já quase não olho mesmo, né? Que ela vive a vida dela e eu vivo a minha. Aí minha mãe foi, sentou com ela, explicou a situação todinha, tá sabendo, aí pedi pra não contar pra minha vó na Bahia. Meu primo soube, o Marcus, eu contei assim brincando no Natal... ó, a Angélica eu contei no dia de aniversário de quinze anos da minha afilhada, em setembro do ano passado que é minha prima. Eu cheguei... tava lá a festa, eu entrei no quarto com ela, tava batendo papo, eu aproveitei e joguei logo, calma, é isso aí, segura a peteca (*risos*). Aí o meu primo, no Natal, foi lá pra casa, o Marcus com a esposa, aí conversando assim aquela conversa normal, aí eu falei que eu tinha AIDS. Aí a garota começou a chorar, a mulher dele, eu cheguei: “Pô, minha filha, tu nem me conhece direito, te vi umas cinco vezes na vida, tu tá chorando aí que nem uma louca!?! (*gargalhadas*)”

DN - Cê falou assim, Hibernon?

HC - Falei. (*risos*) Aí ela: “Ah não, que eu gosto muito de você.” Eu cheguei: “Ah, tudo bem. Mas não precisa chorar tanto. Quem tem que chorar sou eu, gente!” Aí tudo bem!

Domingo agora teve churrasco na casa desse mermo meu primo aí eu contei pra vó dele que não é minha vó, é só por parte da mãe dele. Aí assim, batendo papo, saiu até a entrevista do Otávio, eu levei a revista pra família ver, né? Eu achei até engraçado que meu priminho de quatro anos conhece o Otávio lá de casa, aí quando ele viu a revista ele ficava apontando pro Otávio na revista como quem diz: “Eu conheço esse cara, né?” Eu achei super engraçado, a... o jeitinho dele apontar pra revista. Aí matéria aquele papo de AIDS, aí a Dona Lurdes, que é a vó do meu primo, chega e fala: “Ah, mas tem muita gente com AIDS que tá bem, que não sei o quê.” Aí eu comecei a citar alguns nomes do meio artístico (*risos*) que eu conheço aí falei: “Incrusive eu.” (*risos*) Quando eu falei inclusive eu, a mulé teve um chilique lá que eu cheguei: “Calma, eu já conheço essa história.” (*gargalhadas*). Aí ela: “Ah, mas é assim que você dá a notícia?!” Que tá certo, eles querem o quê? Que eu reuna a família, faça aquela coisa fúnebre e diga? Não, tem que ser brincando que a gente vai contando. Aí depois chamei ela no quarto aí expliquei toda situação, contei tudinho, aí pedi pra não contar pra minha vó. Mas eu já tô prestes a contar pra minha vó, acho que não tem que ficar escondendo não.

DN - A vó que mora no Rio?

HC - É. E a da Bahia, meu pai deve se encarregar, que ele deve tá indo pra lá por esses

dias, eu pedi pra ele contar.

AP - Mas o da Bahia é mãe da sua mãe, né?

HC - Não, da Bahia é mãe do meu pai. A que tá aqui que é mãe da minha mãe.

AP - Ah, tá.

HC - Que aí eu falei pro pai onde que eles tão agora é Porto Seguro, aí meu pai de Porto Seguro, minha mãe vem pro Rio e meu pai tá querendo ir pra casa da mãe dele. Aí eu falei: “Aproveita já que tá por lá, conta logo, avisa pra suas irmãs tudinho, primo, sobrinho, tudo, que que tá acontecendo.” Porque vai chegar essa história lá que eu sei que fica essa família, um fa, liga pro outro e fica tudo por debaixo dos panos, falando as coisa e fica no fim a gente com cara de bobo achando que eles são bobo e eles fazendo a gente de bobo. É... uma idiotice. Então senta já, aproveita que vai lá, senta e conversa, abre o jogo, a gente não vive, não depende deles nem eles depende da gente, entendeu? É só pra dar uma satisfação antes que alguém chegue, que eu já tenho certeza que todo mundo tá sabendo, aí pelo menos tão ouvindo da boca deles e pelo menos eles não vão ficar que o Hibernon, que é meu pai, tá fi... fazendo a gente de bobo aqui, entendeu? Então abre logo o jogo e pronto. Aí eu pedi, não sei se ele vai fazer isso. E depois eu vou chamar minha vó e vou contar. Mas a família tá sendo assim bem receptiva, não tive pobrema nenhum com nenhum deles. O meu primo...

DN - E seu irmão, Hibernon, você falou que contou pro seu irmão antes do seu pai e sua mãe.

HC - Ah, meu irmão eu contei em outubro do ano retrasado, que ele teve aqui no Brasil aí tava aqui, veio passar as férias, aí faltando dois dias pra ele ir embora eu já tinha decidido que ia contar, mas não podia contar logo no início que eu pensei: “Vou estragar as férias dele.” Aí quando faltava dois dias pra ele ir embora, nós viemos do aeroporto que foi... fomos levar o namorado dele que viajou dois dias antes, aí quando nós viemos do aeroporto, a gente tava ali na Linha Vermelha aí eu cheguei: “Ah, eu tenho uma coisa chata pra te contar.” Ele: “Que que é?” Eu cheguei: “Ah, eu tenho AIDS.” (*risos*) Aí ele olhou assim... mas meu irmão é uma pessoa bem esclarecida, é *gay*, vive no Estados Unido, então tem bastante informação então não teve... ele só pediu preu não contar pro pai e minha mãe que acha que pra eles ia ser uma pancada muito forte. Mas aí depois me ligou pedindo pra contar. (*risos*) Aí eu : “Tá, eu conto.” (*risos*) Entendeu?

Mas a família tá assim ótima, ótimo. Não pensei que iam ser tão receptivos não. Pra falar a verdade, todas as pessoas que eu contei até hoje, todas me trataram super bem, nunca tive pobrema nenhum. A única discriminação que eu tive até hoje foi... no trabalho mermo que me botaram pra fora. Mas as pessoas que eu conto que me conheciam, as que eu tô conhecendo daqui pra frente. Eu nunca tive poblema nenhum com isso. Sério! Se eu disser que teve alguém que virou a cara pra mim, eu estaria mentindo mesmo. Tive sim, meus amigos do quartel, mas eu, eu a... acho que também foi eu que me afastei deles, né? Com medo da falta de informação na época, então eu que me afastei, não foi nem as pessoas que se afastaram, entendeu? Mas eu, atualmente, num... ninguém, ninguém tive pobrema. Apesar que..

DN - Quer dizer, você também, você, você acha que também você passou por um

processo de... é, é... em suma, de se assumir mais, e, e...

HC - Ah, claro.

DN - E inclusive de se tranquilizar em relação a AIDS, eu acho que isso também, de repente facilita, né?

HC - É, o...

DN - Na hora que você passa pros outros, transmite pros outros.

HC - Não, é a confiança que você tem em você. Que até então, eu vivia com a minha AIDS sozinho, entendeu? Eu trabalhava, tinha a minha vida, me escondia de todo mundo, não havia necessidade de contar que achava que ia morrer. Aí quando tu começa a participar de um grupo, tá? De pessoas que vivem com a AIDS, que é o GRUPO PELA VIDDA, tu começa... é o que eles dizem a... o VIDDA do GRUPO PELA VIDDA é valorização, integração e dignidade e você passa a se integrar de novo na sociedade que você foi colocado pra fora. Aí você vê: “Não, eu tenho direito a ter uma vida social como qualquer outra pessoa.” Começa a ver pessoas soropositiva, é, soronegativas ali dentro que tão ali porque... por amor mesmo, por solidariedade. Tem uns não que tão por dinheiro, não nego. Mas tu vê muita gente que tá ali por, pela pessoa mesmo, entendeu? Tipo, a Beatriz que é uma menina que tem lá, que ela foi pro Grupo tem, há quinze anos, fazendo trabalho de colégio e tá lá com a gente até hoje, entendeu? Então você passa a ver que tu não tem que ter tanto medo do que vão pensar te discriminarem, que você começa a pegar o amor que existe ali dentro. Existe, tem a Luciana também que é uma menina que trabalhou no jurídico. Então tu começa a pegar esses amores assim, que tá ali dentro e te dá suporte pra poder tu vim cá pra fora e meter a cara, dizer mesmo que tem, sem ter medo de ser feliz, entendeu? Eu a... isso é muito importante pra gente que tá ali dentro do Grupo, pelo menos pra mim foi, entendeu?

DN - É isso que eu ia perguntar.

HC - Ah.

DN - Se você acha que o Grupo funciona assim pra todo mundo.

HC - Com certeza! Não. Com todos eu não sei porque têm pessoas que chegam ali, têm medo mesmo.

DN - E continuam com medo?

HC - E continuam com medo, até se fasta mesmo, entendeu? Mas pra mim foi muito importante... se eu mudei minha cabeça todinha, eu tenho que agradecer ao Grupo porque foi ali que eu peguei todo esse suporte, essa cara que eu tenho de chegar aí rua e dizer mermo que tenho AIDS, é pegar minha carterinha do ônibus e entrar pela frente com a bolsa escrito AIDS aqui porque eu sou associado mermo, porque eu tô entrando no ônibus que eu tenho AIDS, entendeu? Tenho mais que esconder de ninguém. Penso assim.

Porque primeiro tem que acabar com o preconceito dentro de você que aí você vai co... você trabalhando isso dentro de você, você vai conseguir trabalhar aí fora, cabá

com preconceito do lado de fora, mas primeiro tem acabar com o teu que senão tu nunca vai resolver isso, sabe? E o Grupo te dá todo esse suporte mesmo, tá? Eu tô ali, trabalho no Grupo já há dois anos e três meses e não ganho nada ali pra trabalhar, tá? Sou tesoureiro, vem até chapa agora de novo. Mas eu tô ali pela causa mesmo, por amor, não tenho interesse nenhum em ganhar nada ali e nem quero, tá? Porque o que o Grupo poderia me dar é o que eu quero hoje dar pras pessoas, o que eu consegui colher dali de dentro de bom pra mim é o que eu quero passar pras pessoas, ajudar quem tá chegando. Eu acho isso muito importante. É, igual onti chegou uma senhora lá desesperada, aí tu senta, vai conversar e isso pra gente faz bem. Poder, a pessoa tá desesperada, chega no Grupo: “Ah, tem um mês que eu sei.” Não sabe nada sobre AIDS, aí tu senta com a pessoa, conversa, diz: “Ó, eu já tenho sete anos e meio, não é assim que a banda toca, que não sei o quê.” Então tu já dá o conforto a pessoa, a pessoa já sai dali com outra cabeça, entendeu? Então isso pra mim é muito, muito importante mesmo. ...

Vai falar agora que aí eu não sei, né? (*gargalhadas*) Sério. Cê encaminha.

DN - Ô... é o que?

HC - Você encaminha. (*risos*)

DN - Não, ô Hibernon, uma coisa que eu, é... ouvindo novamente, né?

HC - Hum.

DN - A, a... a outra etapa da entrevista. É... num, num me lembro se você, quer dizer, a partir do, do diagnóstico, você... em suma, continuou tendo relações sexuais, né? Quer dizer, é, é o que perguntaria é o seguinte: se, é... você imediatamente incorporou a, a questão do uso da... da camisinha?

HC - Ó, assim que eu soube, tentei parar de transar que eu tava namorando na época, o Valdemir e ele queria saber porque até então eu não tinha dito. Isso, quando ele chegou do trabalho ele quis transar e eu me fechei, que a reação de todo soropositivo, quando se descobre, sempre se fecha pro sexo. E eu nunca tive, que eu vejo gente que fica aí dois anos sem transar, três, eu nunca tive isso, porque quando eu quis me trancar pro sexo o Valdemir viu que tinha alguma coisa errada, aí eu cheguei pra ele e falei: “Ó, o exame de HIV deu positivo, tem que cabá de fazer outros exame.” E ele mermo assim quis continuar transando, entendeu?

DN - Sem camisinha?

HC - E transamo sem camisinha, tá? Aí depois de um mês, um mês e pouco, nós terminamos, que foi... era pesado pra ele conviver com alguém com AIDS que em 91 a informação era totalmente diferente.

DN - Hum.

HC - (*tosse*) Então eu nunca tive esse problema. Depois que a gente terminou, continuei a tendo minha vida sexual normalmente, só que eu usava camisinha, não vou negar que todas as vezes que eu transei, eu transei com camisinha, não. Porque eu, eu tenho uma coisa minha que é o seguinte, não é tão fácil também pegar AIDS, não é porque você transa com uma pessoa sem camisinha, porque a camisinha estoura, que você tá

condenando a pessoa a morte, não. Porque eu morei com o Valdemir durante dois anos, tá? E nós só transávamos sem camisinha e ele não tem o vírus. E eu ejaculava dentro dele, ele ejaculava dentro de mim.

DN - Você morou com ele?

HC - Não, morei não.

DN - Não faz mal, dois anos...

HC - Eu morava na casa dos meus pais, mas eu passava mais tempo na casa dele do que na minha.

DN - Hum.

HC - Então é como se a gente morasse junto.

DN - Hum.

HC - Eu ia em casa uma sema... um dia na semana, quando ia, um dia em vez de quinze, quinze dia, mas continuava morando com meus pai.

DN - Hum.

HC - Então ele... se ele não é soropositivo, por que? Eu ejaculava dentro dele. Eu era, era pra ele ser. Tem o caso também do PC, que a esposa dele não é contaminada e tem uma filha. Então não é tão fácil contaminar alguém, tá? Então, quando eu saio com alguém, transo, eu uso camisinha. Mas se a camisinha estourar, eu não vou ficar com: “Ah, que eu vo... contaminei alguém.” Não, eu não tenho essas paranóia. Sabe que eu acho também o seguinte, só vai ser contaminado quem Deus quer, tá? Tá certo, eu não vou sair transando com todo mundo aí, sem camisinha, mas não é fácil igual as pessoas acham, a pessoa transa com alguém, estoura a camisinha e liga lá pro Disque-AIDS: “Ah, que eu tô contaminado.” Pô, não é assim! Eu conheço história dentro de PELA VIDDA que prova que não é isso, entendeu? Então não tenho muito essas paranóias, as vezes eu vou na sauna, transo, acaba minha camisinha, eu transo com a pessoa sem camisinha, a única coisa que eu faço é não gozar dentro. Já evita bastante de es... que cê entrar dentro de uma pessoa, não significa que cê tá contaminando ela. O Valdemir que levou ejaculação durante dois anos não tá contaminado. Então eu tô, transo, só que na hora que eu...

DN - Ele fez o teste, fez o exame e repetiu e...

HC - Hoje, fez, até hoje. Ué! Ele é da Marinha e tá lá até hoje trabalhando, então significa que ele não é contaminado, senão ele já teria saído, entendeu? Então não é tão fácil contaminar alguém igual as pessoas imaginam aí fora. Tem gente que só em pegar num portador, acha que tá se contaminando, quê isso?! Então num tenho muito esses... essas paranóia, não. Sexo oral, deixo fazerem em mim sem camisinha, sem grilo nenhum. Se a pessoa quiser colocar uma camisinha, eu deixo, agora nunca vou pedir pra colocar uma camisinha pra mim fazer sexo oral, eu acho isso ridículo, eu não faço sexo oral com ninguém com camisinha. E existe o risco da re... da recontaminação,

entendeu? Então num tenho essas paranóia não. Semana passada mesmo nós tavamos discutindo no Grupo, o sexo oral com preservativo ou sem preservativo. Aí vai, tinha umas quinze pessoas, aquelas teoria, que não sei o que, pereré, pão-duro... aí teve, foi o Nilson Bastos que perguntou: “Alguém aqui faz sexo oral com camisinha? Quem faz, levanta a mão.” Num teve um que levantou. Quer dizer, fica todo mundo numa demagogia...

DN - Eram quinze pessoas, mais ou menos?

HC - É. E nenhuma das quinze levantou a mão pra dizer que faz sexo oral com camisinha, mas ficam na demagogia: “Ah, não que eu faço.” Aí como a tribuna é uma reunião assim que a gente tem que ser o nosso eu, não adianta, que se a gente mentir ali, perde o intuito da..

DN - Perde o objetivo da, da atividade.

HC - É, perde o objetivo. Então a gente tem que ser sincero ali, que é tipo uma terapia em grupo sem um psicólogo, mas ajuda bastante você ouvir as histórias das outras pessoas, você conta a sua. Então no dia-a-dia, cê conversando com as pessoas aqui fora: “Ah, não, que eu só faço sexo com camisinha.” Aí tu chega ali numa reunião daquela, todo mundo diz que faz sem camisinha.

AP - Essa discussão foi na tribuna?

HC - Foi na tribuna, sexta-feira. Aí lá eu tenho uma amiga, num vou citar o nome dela aqui, não interessa, mas ela transa com soropositivo sem camisinha e ela é soronegativa. Quando eu descobri, chamei ela pra brigar com ela que eu acho o que ela tá cometendo é um suicídio, mas ela diz: “Eu não acredito também que seja tão fácil se pegar. Se na hora de o cara gozar, ele tira e pronto!” Ela já faz isso há anos. (*tosse*) Fui saber agora em dezembro e ela não é contaminada! Quer dizer, então não é tão fácil assim como as pessoas imaginam não.

DN - Por que ela tem uma relação estável com alguém que é soropositivo. Não, ela...

HC - Não, não. Ela transa... ela não tem... ela é uma das poucas pessoas que eu vejo que não tem grilo com soropositivo.

DN - Hum. Hum.

HC - Então ela namora um, namora outro, namora outro e num desses eu soube que ela transou sem camisinha com o cara, aí eu fui conversar com ela, ela falou: “Ah, eu não esquento não. Eu ju, eu uso camisinha, mas se não tiver eu também não uso só que na hora da pessoa ejacular, goza fora, faz coito interrompido, né?” Entendeu? E tá aí feliz e contente, faz o exame, só dá negativo, quer dizer, não é tão fácil assim não, entendeu? Então não tenho muito grilo com... negócio de camisinha, de ter medo de contaminar, não deixar chegar perto de mim. Não, pode chegar perto, num...

DN - Não pega assim.

HC - É, não é tão fácil não. O que a gente diz no Grupo e eu assimilei isso bastante

(risos) que ter AIDS é uma loteria ao avesso, poucas pessoas são contempladas, né? (risos) Mas é verdade. Tipo você jogar na loto, num ganha. Só que é pro mal, né? Mas tudo bem (risos).

DN - Mas, Hibernon, quando você, é, transa com alguém, é... sem camisinha, essa, a pessoa sabe que você é soropositivo?

HC - Não. Eu não conto pra todo mundo que eu transo. Vô numa sauna, tem uma pancada de gente lá dando pra Deus e o mundo sem camisinha. Do jeito que tem eu que tem AIDS ali tem uma pancada mermo que eu sei. Deve ter um bocado, quantas vezes eu chego na sauna, encontro umas dez soropositiva que eu conheço! Tudo transando sem camisinha, a única coisa que eu faço é não gozar dentro, isso eu não gozo mermo, na hora que vou gozar eu tiro. Agora sexo oral, normalmente, na hora de gozar tiro da boca da pessoa e pronto. Não tenho medo não. É crime? Dizem que é, né? Que a gente é uma arma branca, tá botando em risco a vida dos outro, tá? Mas eu acho que também não é tão crime não porque eu acredito na... teoria de que a responsabilidade é dos dois também, 50% de cada um, tá? Se a pessoa tá transando sem camisinha, ela tem que ser responsável também por causa disso. Não é por causa disso que eu vou gozar também dentro dela, mas se ela tá pagando pra ver então a gente vai transar, não vou ficar coisa... Eu vô sempre, ando com camisinha, transo, agora as vezes acaba, levo duas, estoura, aí já transei uma vez com um, aí estourou, usei a segunda com um, quando eu pego o segundo não tem camisinha às vezes. Eu transo mas na hora de gozar a única coisa que eu faço é tirar fora, nada mais, nada menos. E não saio de lá com dor na consciência não.

Quer dizer, já cansei de tá lá no Grupo, vejo nego chegar lá pra, pro jurídico que tão transando lá no... na sauna três por dois sem camisinha, quer dizer, são pessoas que sabem que têm AIDS e tão lá também, entendeu? Então num esquento muito pra isso não.

DN - Como é que é? Não entendi! Você, você... as pessoas chegam no jurídico, por que?

HC - As pessoas chegam que o Grupo tem um departamento jurídico, né?

DN - Ahm!

HC - Então têm as pessoas que ficam ali esperando, e eu conheço muitas pessoas que tão na sauna ali transando sem camisinha.

AP - Vão buscar alguma acessoria no jurídico?

DN - Ah, sim!

HC - É, vão buscar assessoria e eu sei que são pessoas que tão ali pra recontaminar mesmo.

DN - Ah, sim! Sim, sim.

HC - Que não tão esquentando com nada.

DN - Hum, hum.

HC - É.

DN - E são pessoas que você, é, é... vez por outra, encontra na sauna?

HC - É, encontro.

DN - Quer dizer, que conhece como pessoa que frequenta a sauna?

HC - É, com certeza. E tão ali e nunca que pediram a camisinha, nunca, nunca, nunca. Então eu penso, parto desse princípio, a responsabilidade é dos dois, 50% de cada um.

DN - Agora, no Grupo...

HC - E eu não vou ficar esquentando não.

DN - No Grupo deve... quer dizer, deve haver alguma discussão, algum, alguma informação de que, é... tá aumentando, né? A incidência da AIDS, quer dizer, e ela aumenta... via transmissão, de uma pessoa pra outra, né?

HC - Hum.

Fita 2 - Lado B

DN - É... é... se, a pergunta seria o seguinte, quer dizer, mesmo com esse dado de que a, a incidência do HIV está aumentando entre as pessoas, é... ainda sim você acha que é uma questão do acaso? A contaminação? Porque você diz a... você, você disse inda agorinha assim...

HC - Hum.

DN - É... “Vai se contaminar quem Deus quiser...”, né? Quer dizer, não... tá na mão... nas mãos de Deus.

HC - É, mas eu também não tô saindo contaminando ninguém...

DN - Você se tornar soropositivo ou não.

HC - Tá? Eu não tô saindo por aí contaminando ninguém.

DN - Hum.

HC - Eu transo sem camisinha, mas não ejaculo dentro! Eu acho que é o maior perigo quando você transa com a pessoa e você ejacular dentro da pessoa.

DN - Hum, hum.

HC - Que aí eu tô aumentando em 100% o risco. Nem 100%, que você gozar dentro da pessoa não significa que cê contaminou, senão o Valdemir estaria contaminado, a Gina

estaria contaminada e várias outras pessoas estariam contaminadas, tá? Por isso que eu acho que existe alguma coisa aí que... não sei se é Deus, se é destino, que que seja.

DN - Quer dizer, de qualquer forma, você tem uma, uma atitude preventiva.

HC - Tenho.

DN - Você não usa o preservativo, uma camisinha, mas faz coito interrompido?

HC - É.

DN - Né?

HC - Não. Eu uso o preservativo, agora quando não tem, eu não uso.

DN - Sim, quando não u... usa...

HC - Eu não vou deixar de transar porque eu não tenho camisinha.

DN - Quando não usa, faz coito interrompido.

HC - Se eu tiver andando na rua, encontrar um cara, achar ele bonitinho, interessante, se quiser ir pro hotel, se eu tiver sem camisinha... é difícil acontecer isso que eu sempre ando com camisinha...

DN - Hum.

HC - Eu não vou perder uma... trepada mesmo por causa de falta de camisinha não. Só não vou gozar dentro do cara, tá?

DN - Hum, hum.

HC - Isso eu não faço de jeito nenhum, eu tenho consciência disso. Agora, não vou deixar de praticar sexo porque tô sem camisinha não. Quem me garante também que esse cara num já tá contaminado? Ninguém sabe da vida de ninguém.

AP - Mas, e a recontaminação, Hibernon? Que aí ele também já pularia fora?

HC - Eu não sei. U... eu não acredito muito nessa teoria de recontaminação não. Isso aí foi uma maneira que... não sei, isso é um pensamento meu, né? Que os cientistas, médicos descobriram, de tentar deixar os soropositivos meio presos nessa história de ficar com medo de se recontaminar, entendeu? Eu acho que existe uma certa manipulação nessa informação que você pode pegar um soropositivo ali fora, transar com ele sem camisinha e tá se recontaminando, mas acho que a verdade é: “Não pegue ninguém sem saber, que você pode estar contaminando alguém.” Eu acho que tá mais por causa disso, entendeu? Eles tão querendo manipular com essa informação, as pessoas soropositivas pra que elas não contaminem as pessoas, tá?

Porque... com soropositivo é difícil eu usar uma camisinha, tá? Muito difícil. Toda vez que eu transo com soropositivo é sem camisinha mesmo, tá? Que é a única hora que eu tenho o direito de transar sem camisinha é quando eu tô com outro

soropositivo.

AP - Sem coito interrompido?

HC - Sem coito interrompido e sem nada. Transo e transo mesmo! À vera, gozando dentro, tudo que eu tenho direito, tá? E tô aí com as minha taxa boa, faço meus exame, tá dando pobrema nenhum. Então, eu não sei. Eu tenho uma certa resistência quanto a essa informação da recontaminação, tá? E uma coisa eu te garanto: 99% dos soropositivos só transam sem camisinha. É muito raro cê pegar dois soropositivo pra transar com camisinha.

AP - Com outro... soropositivo?

HC - Com outro soropositivo. Muito, muito raro.

DN - É, que na verdade não é, não é, exatamente uma recontaminação, né?

HC - É.

DN - É uma contaminação por outro tipo de vírus...

HC - É. Tá, e soropositi...

DN - ...porque são vários tipos de, de vírus, né?

HC - É, cepas, tá? Então os soropositivos num... entre eles é muito difícil eles usarem camisinha. Muito, muito muito. Pela experiência que eu tenho...

DN - Quer dizer, então com esse raciocínio, Hibernon, é... você disse, quando você transa com alguém ou você usa camisinha ou você faz coito interrompido.

HC - Coito interrompido.

DN - Em suma, não ejacula dentro. Isso porque você se sabe soropositivo, né?

HC - É.

DN - E o inverso? Quer dizer, você tá transando com alguém, você se permite que ejaculem dentro? ... Sem questionar se o outro é soropositivo ou não.

HC - Eu... ó, eu vou te ser sincero.

DN - Se é uma pessoa que você não tem essa informação *a priori*.

HC - Eu sei... não... eu já entendi a pergunta. O caso é o seguinte. É muito difícil a pessoa... eu ser passivo na relação, é quase, quase que impossível, tá? Uma vez ou outra, ultimamente eu só tenho sido passivo com pessoas soropositiva. Que primeiro, eu transo em sauna, tá? A maioria das vezes que eu transo, eu transo em sauna. Em sauna eu não transo passivo nunca, não gosto de transar passivo. Pra mim transar passivo eu tem que tá numa cama, num ambiente decente, bem relaxado pra poder conseguir, tá?

Então... é difícil acontecer isso. Só quando eu tô em casa com soropositivo, que eu tô dentro da minha casa com soropositivo é que... pra usa, transar sem camisinha.

DN - Hum, hum.

HC - Mas encontrando na rua, nem em hotel eu consigo ser passivo. Pra mim ser passivo, tem que ter um crima totalmente... é estranho. É coisa de cabeça, mas... (*risos*)

DN - Precisa de muito clima, né?

HC - Sério, sem brincadeira. Então é difícil alguém ejacular dentro de mim, sem eu saber.

DN - Hum, hum.

HC - A não ser um soropositivo e isso eu não esquento não, entendeu?

DN - Agora, Hibernon, conta mais pra gente da... do GRUPO PELA VIDDA, quer dizer, cê já contou como você chegou lá, começou a participar e, e, em suma, foi pra, pra tesouraria; já logo no início, participou do encontro, né? Que já tava sendo organizado o encontro. É, e, e que mais? Quer dizer, como é que evoluiu essa, essa, essa sua participação no Grupo mesmo, as atividades que tem no Grupo, como é que você vê essas atividades do Grupo, algumas você já falou, essa do, do, da tribuna e não sei o que...

HC - Ó, foi assim, eu quando cheguei no Grupo, eu cheguei quase que pode se dizer, desesperado, que tava. Sem emprego, tinha que andar na Cidade, né? Então tinha que arranjar um lugar pra me esconder. Fui pra lá, fui bem aceito, Graças à Deus. (*ruído*) E (*risos*) fui tenta... teve aquele lance de ligarem lá pra casa pra perguntar se eu... queria vender um carro, né?

No início eu cheguei lá sem falar com ninguém que eu não sou muito de falar. Quer dizer, quem me conhece atualmente, vê que eu falo muito, mas quando eu chego num ambiente estranho, eu sou muito... fechado, eu gosto de sondar bastante onde eu tô pisando. Então eu devo ter ficado mais uns dois ou três meses lá e não assisti a tribuna e o café e não falava com ninguém. Até que eu vi que era um local onde eu podia... abrir minha boca e ser feliz. Podia, foi o primeiro lugar no, no... na minha... o único lugar assim que eu pude na minha vida ser duas... ser eu realmente, né? Que no GRUPO PELA VIDDA eu acho que é o único local que... ali dentro tá o Hibernon, entendeu? Que apesar da minha mãe saber que eu sou *gay* mas a gente não conversar, então perto dela... eu tenho que ter uma postura; no meu trabalho eu tenho outra; meus amigos... geralmente, cada local que você tá você é uma pessoa. Eu tenho uma teoria comigo que a gente só é a gente mermo quando a gente tá sozinho, que aí você faz o que você quer sem se preocupar com que a sociedade está pensando. E o Grupo é um lugar consigo me sentir como se eu estivesse sozinho, que lá eu posso ser *gay*, posso ser soropositivo porque ninguém vai *esquentar* pra isso. Foi quando eu comecei a falar, fazer amizade, hoje em dia as pessoas chegam lá, eu já vou brincando com todo mundo pra deixar as pessoas bem a vontade, Sei que sou muito querido ali dentro com exceção de poucas pessoas (*risos*), mas tudo bem. Essa entrada, então por eu ter assim esse companheirismo, amigo, ser muito amigo das pessoas, tá? (*ruído*) Eu sou uma pessoa que tô em contato direto com os voluntários... Foi quando... o Grupo... ia mudar o estatuto pra poder

ganhar esse título de... utilidade pública e precisa de uma diretoria que não receba dinheiro e a diretoria ganhava. Então precisava mudar a diretoria. E mudando a diretoria, vieram me convidar se eu queria ser tesoureiro. Foram pra reunião de curadores, só apareceu dois voluntários, que foi o Daniel e a Cora, um passou a ser vice-presidente, o outro secretário geral e queria alguém pra ser o tesoureiro. Como não apareceu ninguém, vieram me convidar! Então é uma diretoria fictícia, só pra constar no papel, no início, agora não. Atualmente eles tão querendo... foram me chamando pra participar das reuniões da diretoria mesmo, da... verdadeira, né?

DN - Porque aí a verdadeira tem outro vice-presidente, outro tesoureiro...

HC - É, que... é que são os coordenadores.

DN - Hum.

HC - É o que é chamado de coordenadores mas na realidade eles são os, a diretoria, nós somos só fachada, né? Então começaram a me chamar, participar dessas reuniões.

DN - Os coor, coordenadores seriam é, o Ronaldo...

HC - Não, o Ronaldo é presidente.

DN - É o presidente?

HC - É, ele é diretor mesmo.

DN - Quem... quem é o... quem são os coordenadores da diretoria?

HC - Os coordenadores é o Ricardo, o Écio e o Alexandre do Vale.

DN - Hum.

HC - Eles eram diretores e passaram a ser coordenadores que eles ganham dinheiro pra trabalhar no Grupo.

DN - Hum.

HC - Aí eu aceitei que eu consegui muito no Grupo do jeito que, mermo jeito que eles confiaram em mim, eu acho também tem que dar um crédito a eles e eu nunca vi nada ali que desabonasse pra poder eu assinar alguma coisa. Também não vou botar meu nome no fogo assim, né? Então, sei que ali roubo não tem. Tem sim, pessoas ali querendo ganhar dinheiro a custa da AIDS, entendeu? Mas, em momento nenhum, tu vê ninguém roubando, que ali mermo tipo uma Marcia Rachid dessa da vida que usa a AIDS pra ganhar dinheiro e se promover, ali dentro também têm pessoas assim, entendeu? Então eu aceitei. Agora tá tendo... agora a nova chapa que vai entrar eu, o Ronaldo continua como presidente, eu como tesoureiro, vai entrar o Paulo César e o Otávio, vão pra vice e Otávio secretário.

DN - O Otávio Junior?

HC - É. Foi até eu que... escolhi quem seriam os dois, conversando com o Ronaldo. E essa nova diretoria que agora é composta só por soropositivos, vai ser composta, né? Só por soropositivos, a gente tá ali no dia-a-dia, pelo menos eu, o Paulo César e o Otávio tamos ali todo dia, então nós sabemos a necessidade que existe dentro do Grupo entre os voluntários e a gente vai tentar fazer que o Grupo funcione melhor pra acabar com certas panelas que têm ali dentro, que existe, entendeu? É um tal de só soronegativo ganhar dinheiro ali.

DN - Quer dizer, os voluntários são aqueles que trabalham ali e não recebem nada. No caso, o Alexandre, Ézio...

HC - Não. O Alexandre não é voluntário.

AP - Funcionário.

DN - Não, pois é! É... Alexandre, Ézio...

HC - E Ricardo.

DN - E Ricardo, eles não são voluntários?

HC - Não.

AP - Carolina...

DN - Eles recebem pra trabalhar ali?

HC - Recebem pra trabalhar ali.

AP - É, além dessas, a Carolina...

HC - Carolina, Neuci... Vinícius.

DN - Que aí é o pessoal da secretaria, né?

HC - É. Vinícius, entendeu?

AP - Vinícius também é funcionário?

HC - Ele ganha seiscentas prata pra coordenar os voluntários, né?

AP - Mas pro PROJETO VIVA VOZ, não é?

HC - É, entendeu?

AP - Mas isso começou agora, não é, Hibernon?

HC - Começou. Mas a... uma coisa que existe ali, uma certa richa dentro do Grupo é isso. É por que que na hora de escolher alguém pra coordenar num, num colocam soropositivos? Geralmente são os soronegativos que tão ganhando dinheiro. É raro...

AP - E o Otávio também, né? Que trabalha no jurídico, né?

HC - É, o Otávio tá, ele ganha, acho que duzentos reais lá, tá? Mas foi eu que indiquei, que se deixar por eles, só entra soropositivo e eu tando ali eu já sou...

AP - Só entra soronegativo.

HC - É, só entra positi... é, só entra negativo. E eu ali eu quero ajudar o soropositivo porque eu não preciso, graças à Deus, tenho uma aposentadoria boa, dá pra mim viver bem. Mas eu vejo soropositivos ali que ganham cento e vinte reais de INPS, ganha duzentos reais. Acho que se você pode ajudar essas pessoas, já que elas não podem ter uma carteira assinada aqui fora, tá? Acho que nada mais justo que se, se o trabalho voltado pra ela, vamos ajudar as pessoas que tão com AIDS, não é ficar pegando só amiguinhos de panelinha pra colocar ali pra poder ganhar dinheiro. Que eu acho muito fácil uma pessoa ganhar mil e duzentos reais igual eu vejo ali pra trabalhar duas vezes na semana, meio-expediente, eu acho que é muito dinheiro pra pouca coisa, entendeu? Então se é pra fazer, vamu dividir esse dinheiro entre as pessoas que tão ali, os voluntários que quando precisa vai fazer uma manifestação, se tem que ir pro Mercado Mundo Mix distribuir camisinha é eles que vão, tá? Porque o... a elite, alunzinhos que têm ali, eles só querem participar de atividades do Grupo quando envolve assim, vai tá com o prefeito, vai tá com o presidente, vai tá com o financiador que sabe que vai trazer dinheiro, essas coisas que vai ter mídia em cima, dá *status*, eles querem ir. Mas na hora de ralar mesmo, trabalhar, quem vai é o soropositivo e esses não ganham nada, então eu não gosto disso. Então tento mudar isso, entendeu? E agora eu acho que com essa nova diretoria que vai entrar, eu acho que vai ficar mais fácil da gente fazer isso. Por isso que eu conversei com o Ronaldo e coloquei o Otávio e o PC também. Porque, agora...

AP - Mas o PC também não é funcionário, não?

HC - O PC, ele recebe o auxílio do Disque-AIDS, entendeu?

AP - Porque ele é o coordenador do Disque-AIDS.

HC - É, ele é o coordenador do Disque-AIDS, tá? São os únicos dois soropositivos que ganham dinheiro ali. Ah, e o Ézio que...

AP - O Ézio, o Alexandre e o PC?

HC - É, é. O... não. Positivo que ganha ali, tem o Ézio... que ganha um salário maravilhoso (*risos*), tá?

DN - Desse salário da elite que cê falou?

HC - É. Ele ganha até mais do que a elite, (*risos*) entendeu? Mas assim, os soropositivo, o que ganha mais, ganha duzentos e quarenta e um reais.

AP - Cê não terminou. O Ézio...

HC - O Ézio, que... os soropositivo é... Ézio, Otávio e PC. É os três soropositivos que

ganham.

AP - O Musawer não ganha como presidente?

HC - Não, não. Ele ganha trezentos reais, mas assim, pra poder pagar estacionamento dele, entendeu? É fazer um lanche, essas coisa, que não é um salário, os outros ganham mais de mil reais. Tem um que chega a quase dois mil reais lá, entendeu? E os soropositivos, no máximo o que ganha é o Ronaldo.

DN - Porque em função...

HC - Ganha trezentos reais, o outro ganha duzentos, o outro ganha duzentos e quarenta e um. Nos salários de seiscentos, mil e cem, mil e trezentos...

AP - Quem é que ganha trezentos que você disse?

HC - Trezentos é o Ronaldo Musawer.

AP - Hum. Que é o que ganha mais?

HC - É.

DN - Porque aí...

HC - Olha, isso é confidencial, hein, gente? (*risos*) Cês não vão abrir isso não, hein?

DN - Ô, Hibernon, é... essa remuneração aí também pros coordenadores é em função de financiamento de projetos, né?

HC - É.

DN - Que o GRUPO PELA VIDDA desenvolva?

HC - É, que tem o Projeto camisinha...

DN - Né? Quer dizer, então eles elaboram os projetos, consegue financiamento e nesse projeto contém uma remuneração pra eles que coordenam?

HC - Tem, contém a remuneração, tem uma parte que é, que é chamado de institucional, que uma parte do dinheiro vem é pra fazer o projeto especificamente.

DN - Que aí distribui... hum.

HC - Aí a outra parte pra poder pagar aluguel.

DN - Distribui pela, pelo Grupo todo.

HC - Empregados, essas coisas.

DN - Hum, hum.

HC - Só que o seguinte, quando chega na hora de pagar os empregados, tá? Vai só pros soronegativos, o dinheiro. Os soropositivos ganham, no máximo é o Ronaldo que ganha trezentos reais, que é o presidente do Grupo.

AP - Agora, a pessoa po...

HC - E não é nem ganhar, é, tá recebendo de volta o que ele gasta, que ele tem que pagar estacionamento, pagar a gasolina dele pra ir lá.

DN - É um auxílio, né?

HC - É um auxílio.

DN - Hum, hum.

HC - Entendeu? O Otávio ganha duzentos reais, o PC ganha duzentos e quarenta e um.

AP - Agora o pessoal da secretaria...

HC - Agora os outros, os negativo ganha mil e duzentos, mil e quatrocentos, mil e setecentos e por aí vai.

AP - O pessoal da secretaria, aí não é via projeto, né? Que sai a remuneração do pessoal da...

HC - É via projeto, vai tudo dentro do institucional.

DN - Deve ser tudo via projeto, né?

HC - Tudo dentro do institucional.

DN - Porque é... é a infra-estrutura pra permitir desenvolver o projeto. Então, se não tiver secretaria, computador, não sei o que, vai fazer que pesquisa, né?

HC - Porque foi o que aconteceu com aquele projeto “O Homem”, foi primeiro ano passado, que foi uma panela armada mesmo aquilo ali que... a Ângela fez um projeto e... não, não foi o da, do “Homem” não, foi o projeto da SNDS, da prefeitura. O Alexandre fez um projeto e quem ia trabalhar no projeto era a Ângela, Vile, Gerson... ... Ângela, Vile, Gerson... É? Esses três pra ganhar no projeto. só soronegativo, soropositivo nenhum entra. Mas só que chegou na hora a Ângela não pode ir porque... ela tinha passado pro mestrado dela, aí... precisava de outra pessoa, aí colocaram a Cristiane no projeto. E é uma coisa assim, ninguém sabe o que vai acontecer, apesar de ter uma reunião político- administrativa que eles dizem entre aspa que tudo é discutido ali, não é, entendeu? Muita coisa fica lá por dentro de uma reuniãozinha que tem antes daquela reunião, num vem cá pra fora, tá? Entendeu? E... nessa reuniãozinha a parte que eles decidem tudinho.

AP - Aí o projeto tá rolan...

HC - Quando chega na reunião de terça-feira político-administrativa, já vai pronta. “O projeto tá aqui, quem vai trabalhar é fulano, fulano e sicrano.” Eles não colocam aberto inscrição pras pessoas participarem do projeto. Aí quando tu vai conversar com eles, com o Alexandre, aí ele diz: “Ah, mas tinha que ser o Vile, tinha que ser o Gerson, tinha que ser a Ângela ou a Cristiane porque eles são psicólogos, são assistentes sociais e tem pra apresentar o projeto tem que ter...”

AP - Nível superior?

HC - ...esse nível.” Aí eu digo: “Ah, tá. Então a pessoa hoje em dia pra ser soropositivo tem que tá numa dessas áreas?” Não é nem tê nível superior, tem que tá dentro da área que ele quer, pra poder ganhar algum dinheiro ali. Que o soropositivo que não tem graduação na área de psicologia, assistente social nunca vai poder fazer... participar de um projeto. Então existe essa panela que a gente tenta quebrar, entendeu? Pelo menos eu tento, eu vô conseguir, (*risos*) entendeu? Porque eu acho errado, eu acho que tem que dar oportunidade pra todo mundo ali. Do mermo jeito que, porque, que não existe nenhum psicólogo ali, não, agora chegou um, que é o Marclei, o psicólogo soropositivo, mas os outros não são. Então eles nunca vão participar de projeto? Vão trabalhar de projeto assim, pra dar uma palestra e ganhar quinze reais?

AP - Mas o psicólogo... porque uma pessoa se ofereceu lá como voluntária, como terapeuta e eles não aceitaram dizendo que eles não tinham interesse em terapeuta.

HC - Por, porque não é da panela, mas se for amiguinho de alguém de lá de dentro, fica. Que antes da... o Vinícius mermo, antes de ser vo... o mês passado trabalhou de voluntário, ele fazia a recepção, né? Então ele ganhava duzentos e quarenta e um reais pra trabalhar uma vez por semana, duas horas, fazer uma recepção de cinco às seis, nem duas horas, uma hora, né? Que é de cinco às seis a recepção. Pra ganhar duzentos e quarenta e um reais, uma vez por semana. Quer dizer, ele ganhava quatro horas por mês pra ganhar duzentos e quarenta e um reais. Eu acho muito dinheiro! É, e é mesmo, gente! Vamos ser realista. Aí quando fo... aí eu até descobri que ele ia ganhar seiscentos reais, foi gozado porque nós tavamos numa reuniãozinha dessas a parte, aí o... Alexandre muito... assim, amigo, né? Chegou: “Ah, mas o Vinícius está...” – foi quando o Ézio pediu aumento de salário, tá? Que o Ézio queria ganhar como coordenador e como... coordenador executivo, que era a função dele e queria ganhar também como coordenador do *BUDDY*, então...

AP - Coordenador do que?

DN - Coordena...

HC - Do *BUDDY*, esse projeto de companheiro.

DN - *BANNER*?

HC - *BUDDY*. *BUDDY*, companheiro em português.

DN - Hum.

HC - Então, ele que tinha um salário de mil e cem como coordenador executivo e o

projeto, pro coordenador do projeto dava mil e duzentos e ele queria juntar os dois salários, muito bonito, né? (*risos*) Feliz! Ganhar dois mil e trezentos reais assim, lindo, né? Aí o pessoal falou que não podia ser assim, que não sei o que, que eles iam usar pra poder pagar outras pessoas. Aí o Alexandre, muito bonzinho, chegou: “É, porque o Vinícius está abrindo mão dos duzentos e quarenta e um reais que ele ganha na recepção pra poder ficar coordenando os voluntários.” E eu cheguei: “Peraí, se o cara tá abrindo mão de duzentos e quarenta e um, é porque ele tá ganhando muito mais pelo outro lado.” Aí eu fui descobrir, né? Aí descobri que ele tá ganhando seiscentos reais! Quer dizer, então essas coisa que eu fico pau da vida, me deixa fulo mesmo essas sacanagens e as manobras que eles fazem ali, entendeu? Porque eles chegam ali tudo: “Ah, que eu sou voluntário, sou bonzinho, sou solidário.” Mas e depois que chega no Grupo, aí lembra que tem que pagar o aluguel, pagar telefone, comprar o carro do ano, aí não pode ser mais voluntário, tem que ser funcionário do Grupo. Senão usam o Grupo pra poder trabalhar pro governo, que sabe que tando ali no Grupo, que o GRUPO PELA VIDDA, querendo ou não, aquilo ali é uma escola e é um trampolim pra você... trabalhar pro governo, né? E eles usam...

AP - Trabalhar no Programa?

HC - É, no Programa Nacional. E eles usam mesmo aquilo ali pra isso, entendeu? Porque aí chegam no PELA VIDDA tudo bonzinho, entendeu? É sendo voluntário, aí depois quando sai, exige férias atrasada, leva cinco mil reais, que senão bota na justiça, que eles são voluntários, isso eu sei que já aconteceu no Grupo. Chegam lá bonzinhos, maravilhosos: “Que eu tô aqui por solidariedade.” Aí começa a trabalhar, aí começa a ganhar, mas aí não precisa férias, “Que eu sou voluntário, só quero o meu salário também.” Aí quando sai, que arranjou um emprego no governo: “Ó, mas agora eu vou querer receber as minhas férias atrasada todinha, tá? Se eu botar na justiça cês não só vão pagar as férias como vão pagar a multa porque não me pagou na época.” Entendeu? Então tem essas coisa ali que eu acho que tem que acabar com isso. Quem é funcionário vai ter que ter carteira assinada, por que não fazer ali? Tudo bonzinho, vamos pagar direitinho e pronto. E fazer projetos pra soropositivos onde eles possam trabalhar, lá no PELA VIDDA Niterói faz. O PELA VIDDA Niterói não assina carteira de ninguém, em todos os projetos não há necessidade de assinar carteira de ninguém.

AP - Mas aí eles só assinam a carteira dos funcionários da... da secretaria ou não, todos têm carteira assinada?

HC - Não, dependendo do projeto, tem projeto que exige que você tenha que assinar carteira do, das pessoas que tão trabalhando no projeto.

DN - Depende do agente financiador?

HC - É, entendeu?

DN - Do projeto.

AP - Hum.

HC - Então você tem, quando for negociar um projeto, cê tem que dizer: “Ó, não pode assinar carteira de ninguém.” Que aí você dá oportunidade igual pra todo mundo, tanto

pro soropositivo como pro negativo. Porque eles ficam se pegando nessa de... em assinar porque sabe que todo soropositivo não pode, que geralmente ele tá encostado no INPS, entendeu? Aí quando vai chamar alguém, os soropositivo já tão tudo excludido. Só soropositivo que pode trabalhar, entendeu?

AP - Entendi.

DN - E essa chapa que você formou com é... Ronaldo, Otávio e, e...

HC - E Paulo César.

DN - PC?

HC - É.

DN - É, vai ter eleição agora?

HC - Vai.

DN - Indicação...

HC - Em abril.

DN - Como é que, como é que escolhe a, a, a diretoria?

HC - Assim, que tem a diretoria e acima da diretoria têm os curadores, tá? Eles podem a qualquer momento, destituir a diretoria se eles quiserem.

DN - E os cуда, curadores são, são quem assim? São...

HC - São, geralmente, são pessoas mui... várias, antigas do Grupo e aquelas que tão no dia-a-dia.

AP - A Dayse, né?

HC - Tem dona Dayse, eu sou curador, tem... são acho que uns trinta e seis curadores.

DN - Hum.

HC - Norma é curadora, Lucia Falcão, Mirian Ventura.

DN - São...

HC - Marcia Rachid era curadora, agora não é mais.

DN - Todas pessoas que de alguma forma participaram do Grupo?

HC - Participaram do Grupo, tavam ali no dia-a-dia, aí quando sai alguém, que se você falta duas reuniões de curadores, você automaticamente deixa de ser curador, aí a gente elege outra pessoa. Nessa última mesma entrou o Cazo, Paulo César, Ronaldo Espíndola

e Emílio pra curador, entendeu? Então, essas pessoas é que votam na chapa, como só tem uma chapa, quer dizer, não apareceu mais nenhuma, vai ser mermo eu, Paulo César, Otávio e o Ronaldo, a diretoria. Mas se tivesse duas a gente botaria as propostas e no dia da eleição, só os curadores pode ir no Grupo nesse dia, tá? Aí bota, no final do dia, às seis horas, pode já ter mais gente lá que é quando vai abrir a urna pra ver quem vai ganhar, entendeu? Então os (*tosse*) a função do curadores é o que? A diretoria tá fazendo alguma coisa errada, os voluntários podem pedir a diretoria pra chamar o Conselho de Curadores. Aí é uma reunião fechada e vai discutir que que tá pegando. Aí as pessoas vão reclamar com os curadores o que a diretoria tá fazendo errado. Só que em cima desses curadores, existe também uma outra mafiazinha, os curadores são tudo amigo da diretoria, entendeu? Então tu nunca consegue fazer nada, os curadores, a maioria era tudo soronegativo, entendeu? Então tem... é um rolo que tu tenta...

AP - Romper?

HC - Romper, mas não dá. E eu já tô conseguindo já colocar um bocado, nessa última mermo entrou cinco curadores, só um era soronegativo, que é a Luciana, o resto era tudo soropositivo que eu consegui. Eu tô conseguindo...

AP - Tá montando um grupo decente.

HC - Montar o grupo que na hora que a gente precisar a gente tem que ter apoio. Porque essa diretoria que vai entrar agora não é mais... vai... não vai ser mais uma diretoria fictícia igual era, é a que tá sendo a atual, entendeu? Que essa que, essa diretoria que tá lá não foi eleita, foi preciso mudar a diretoria pra ganhar um título de utilidade pública. Mas essa agora, quem tá colocando lá vai ser o Conselho de Curadores, então ela vai ter o poder mesmo pra abrir a boca e falar o que tá errado e a hora que a gente ver que não tá certo, a gente pode mermo chamar os curadores e explicar: “Ó, tá acontecendo isso e a gente quer mudar, vocês votaram na gente, vocês nos deram apoio pra tá aqui, então vocês têm que nos dar apoio pra poder mudar isso aqui.”

DN - E os coordenadores é... são escolhidos pela diretoria?

HC - São. Quer dizer, pelos coordenadores atual, pelo Ézio, pelo Alexandre, Ricardo e o Ronaldo, que é o presidente.

AP - Esses continuarão na mesma função?

HC - Vão. Até que a gente queira, né? (*gargalhadas*)

DN - O parecer disfarçado dele. Não entendi, Hibernon.

HC - Por que? Vai mudar a diretoria...

DN - É... o Conselho, ó, a, o Conselho de Curadores é, elege uma diretoria, quer dizer...

HC - É.

DN - A diretoria candidata.

HC - É.

DN - Entre os candidatos, entre as chapas concorrentes.

HC - Certo.

DN - Essa diretoria eleita é que indica os coordenadores?

HC - É, ela tem o poder de contratar os coordenadores.

DN - Ela contrata os coordenadores?

HC - É, eles são empregados, entendeu?

DN - Hum.

HC - Então tudo indica que vai continuar os mesmos, tá?

DN - Hum.

HC - Só que, se a gente quiser a gente pode mudar. Por que? Porque agora a diretoria vai ter força. Antigamente não tinha que tinha sido colocado lá que a diretoria eram os coordenadores, né?

DN - Ahm!

HC - Aí foi quando mudaram os...

DN - Tudo indica que vão continuar os mesmo coordenadores?

HC - É.

DN - Só que a diretoria vai ter mais...

HC - Vai ter poder de mudar, a gente vai poder chegar...

DN - Poder de, de, de negociar...

HC - É, chegar pro Ronaldo que é o presidente...

DN - A inclusão de mais soropositivos na, na, nos projetos.

HC - “Ó, Ronaldo...” É chegar pro Ronaldo: “Ronaldo, a gente não tá gostando do trabalho do Alexandre, ele não tá fazendo isso aqui direito. Ou ele vai mudar ou a gente arranja outra pessoa, que pra pagar a gente paga outra, outras, outro técnico. Ele é um empregado da gente, se ele não tá satisfazendo o que o nosso, o que a gente quer, a perspectiva da gente, nada mais justo que a gente trocar”, entendeu? Tanto é que eu já notei até que o Alexandre já mudou bastante, né? Antigamente eu chegava no Grupo, eu dava “boa tarde” ele dava “boa tarde”, atualmente ele diz: “Boa tarde, Hibernon.” Né? Já mudou, entendeu? (*risos*) Que ele sabe que tá pegando um pouquinho pra ele já,

entendeu? (*risos*)

DN - Ele lê nos seus olhos.

HC - Ó, gente, isso tudo é confidencial, hein? (*risos*)

DN - Ô, ô Hibernon...

HC - Não podem colocar isso que eu disse não.

DN - É, agora me diz uma coisa você a, você tá dizendo esse tempo todo que, é, a, a sua opinião é que tivesse mais soropositivos nos, nos projetos, em suma, sendo remunerados, isso é por conta da condição do soropositivo, em geral, estar financeiramente é, é, pior, porque de repente tá com uma... aposentadoria do INPS que a gente sabe que é baixa mesmo, ou por uma questão mais... é... costuma se chamar assim, corporativa, né? Quer dizer, faz parte da, (*risos*) da sua identidade, né?

HC - Não, eu...não, é pelos dois.

DN - Da sua corporação.

HC - Um é porque eles ganham pouco, tá? Dois porque eu vejo que existe uma panela formada por soronegativos e eu quero acabar com a panela. Eu não quero soro... O Alexandre, vamos ser bem claro, tá? Manipulando isso, que só entra os amiguinhos dele ali. Eu acho que tem que parar, tem que dar oportunidade pra todo mundo. É igual antigamente, antes de, desse projeto de voluntários de palestra voltar, tinha palestra, quando era remunerada, só ia soronegativo. Quando era palestra em escola, que agora não, tudo quanto é palestra, a pessoa vai ganhar quinze reais pra dar uma palestra, independente de ser de empresa, independente de ser de escola pública, hospital, é quinze reais. Mas antigamente era assim, se era remunerada, ia soronegativo, quando era palestra em escola pública que era de graça, ia o soropositivo, entendeu?

DN - Pois é! Mas a divisão...

HC - E isso eu acho muita sacanagem.

DN - A divisão que você tá fazendo é entre soronegativo e soropositivo.

HC - É. Não é eu que faço, eles que faziam. Quero só mudar isso, quem fazia isso era eles. Toda vez que tinha palestra remunerada, quem ia era Vinícius e a... Ângela Echer, uma panelinha. E quando era de graça em escola ia Cazu, Emílio. Quem fez a separação não foi eu, a separação já existia, eu só quero unir, botar tudo igual!

AP - Hibernon, me fala uma...

HC: Eu não tô que...

DN: Independente de ser soropositivo ou soronegativo?

HC: ...independente de ser soropositivo ou não! Tem que ter uma escala. Têm 23

peças pra dar palestra lá, vamos por ordem, independente de onde seja e quanto vai ganhar! Não é ficar escolhendo, quem ganha fica de um lado, quem não ganha fica do outro, entendeu?

AP: Que o que parece, não é pela condição de soronegativo não, é mais pela condição cultural, né? Quer dizer, pela formação...

HC - É! Quando não há necessidade!

AP - ...é. Pela formação es... escolar, né?

HC - Tá certo! Eu não vou pegar um Pedro desse e colocar pra dar palestra, que eu sei que ele não tem condição.

DN - Não vai pegar o que?

HC - Um Pedro.

AP - Pedro é um voluntário.

HC - Num conhe... ela conhece, (*risos*) entendeu? Não dá pra colocar ele pra dar palestra, não dá nem pra atender o Disque-AIDS que ele já tentou, a gente... nós cortamos, entendeu? Mas eu acho que você tem que dar oportunidade. Porque quando é pro Disque-AIDS, entra todo mundo... que não ganha nada, aí pode entrar tudo quanto é soropositivo pra dar palestra. É igual aconteceu cuma menina lá que ela chegou lá: “Que eu quero ser voluntária.” Soronegativa ela, aí foi pro, pro Disque-AIDS. Com um mês saiu pra poder trabalhar em outra atividade que dava dinheiro.

DN - No Grupo?

HC - É. Aí quando você vai pra falar: “Ah, por que que ela fez isso?” “Ah, porque ela não se dava com o coordenador do Disque-AIDS.” Eu cheguei: “Peraí! Trabalhar é uma coisa, se dar é outra. Eu, pra mim trabalhar no Disque-AIDS, eu não preciso falar com o coordenador.” Tá lá profissionalmente tudo bem, não preciso ter amizade com ele, acho que tem que saber separar as coisas. E ela foi falar: “Ah, que eu briguei com o coordenador, não falo mais com ele, eu não posso ser, trabalhar no Disque.” Não, não é assim, acho que você tem que ser um profissional. Quer dizer, ela usou essa desculpa pra poder largar uma coisa pra poder ganhar dinheiro na outra, que no... na que ela largou era de graça, entendeu? Então essas coisinha que eu acho que tem que consertar ali dentro, entendeu? Parar com essa palhaçada.

AP - Como é que se formou isso, você tem idéia? Porque você entrou há dois anos, né?

HC - Não, quando eu entrei já tava formado isso.

AP - Já tava formado, né?

HC - Eu só... a minha esperança é só terminar com isso.

AP - Porque, a princípio o Grupo tinha, né? Um, um objetivo, quer dizer, na época do

Herbert Daniel a coisa era mais... desinteressada, né?

HC - É.

AP - A medida que o Grupo foi alcançando assim, é...

HC - É, ele virou uma empresa, né? Hoje em dia, o Grupo passou a ser uma empresa.

AP - Se institucionalizou, né?

HC - É, é. Então tem isso.

AP - E tem um reconhecimento público, né? E até pelo programa...

HC - Hum.

AP - Essas pessoas foram se sentindo atraídas, né?

HC - É, com certeza.

AP - Mas essa galera que você se refere aí, tá no Grupo, o quê? Há uns cinco anos ou mais?

HC - Não.

AP - Seis anos?

HC - Alexandre? Alexandre tá no Grupo tem uns três anos, mas veio indicado pela Cristina.

AP - Tem um pouco mais de três anos, Hibernon.

HC - Não.

AP - Acho que tem, não tem uma, uma, um texto dele...

HC - Três anos e meio, por aí. No máximo três anos e meio. Ele entrou pouco tempo antes de mim. Não chega a três anos e meio não.

AP - Ele foi indicado...?

HC - Pela Cristina, que era coordenadora de projetos na... diretora de projetos, que tá, hoje em dia, na França fazendo um curso graças ao PELA VIDDA no (?) que é um (?) do PELA VIDDA, entendeu? Então aí vai um passando pro outro, aí vai formando a panelinha, não muda. Se o Alexandre sair, ele vai querer indicar alguém, se ele arrumar um em... gov... emprego no governo, ele vai querer deixar alguém na panelinha dele lá como coordenador, entendeu?

DN - Então isso se forma...

HC - E vai ficando aquele vício todinho, num muda nunca. E é isso que eu tento acabar com isso, deixar todo mundo igual ali dentro, entendeu?

AP - Você tá falando...

HC - Porque a maioria dos soropositivos ali dentro, tão tudo revoltado, gente! A maioria não, 90% deles são tudo revoltado ali dentro.

DN - Com isso que você tá falando?

HC - É, a maioria deles tá...

AP - É porque muitos não se envolvem, né, Hibernon? Muitos não chegam a perceber...

HC - Não, porque eles não querem se envolver pra poder não ter que se aborrecer, entendeu?

AP - Não, nem todos, eu digo assim, quando a pessoa chega no Grupo, ela chega numa situação de fragilidade...

HC - Quer ver um detalhezinho besta. Não é muita coisa, mas tem mais ou menos um mês e pouco, eu discuti lá dentro, não sei se chegou no teu ouvido, por causa de uns convites pra *boite Bobage*. Chegou uns convite, que a gente tava fazendo parceria com aquele filme “Como ser solteiro”, aí chegou um convite lá na quinta...

DN - Tava fazendo parceria com que?

HC - Com o filme “Como ser solteiro”.

DN - Hum.

HC - Aí chegou os convites, quatro convites lá pra ir pra *boite*, pré-estréia, lançamento do CD, eu acho. E os convites era de graça, aí, isso chegou numa quinta-feira, o convite era pra sexta. Eu fiquei no Grupo até oito horas da noite e não soube dos convites.

AP - Na quinta?

HC - É. Quando eu cheguei no outro dia lá de tarde, no, na sexta-feira, ia passando pela secretaria, ouvi a Márcia Datargas comentar, eu cheguei: “Ah, que convites são esses? Eu quero saber.” Aí começaram a ficar tudo por favor, de cheio não me toque. Eu cheguei: “Não, eu quero saber, se tem convite, eu quero saber que que é.” “Ah, que foram só quatro convites, aí o Alexandre ficou com um pra ele, um pra esposa, deu um pra Carol, não, um pra ele e pra esposa e sobrou dois.” Eu cheguei: “E quem...” Não, não falou que eram quatro, falou que ia ele, a, não, eram quantos convites? Alexandre, a esposa, a menina da, do programa lá com o namorado, eram seis convites e sobrou dois e eu não sabia que tinha esses outros dois que já tinha sido dado pra Carol e pra Cristiane, quer dizer, só soroposi... só soronegativo ganharam os convites.